

IMAGINACIÓN

O BARBARIE

ISSN 2539-0589

n°15

Diciembre
2018

**Edición Especial II Workshop Internacional
Investigación en Imaginarios y Representaciones**

Coordinadores
Javier Diz Casal y Sindy Paola Díaz Better

ÍNDICE GENERAL

A nuestros lectores	3
Textos II Workshop Internacional	5
Reseñas	65
Entrevista	91
Un rincón ecológico y subjetivado	96
Nuestros colaboradores en esta edición	110
Información editorial	112

IMAGINACIÓN O BARBARIE

BOLETÍN DE OPINIÓN DE LA RED IBEROAMERICANA DE INVESTIGACIÓN EN IMAGINARIOS Y REPRESENTACIONES (RIIR)

El imaginar y el pensar no surgen desde la nada pues allí está presente la experiencia social significada y acumulada en la memoria social, incluso extraviada en el plano del inconsciente.

Danielle Perin Rocha Pitta

Elementos básicos de una teoría fenomenológica de los imaginarios sociales.

O homem está exercendo uma faculdade que lhe é própria, que é a de dar sentido ao mundo, ao universo.

Danielle Perin Rocha Pitta

Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.

No es descabellado, pues, establecer conexiones entre un bus que se mueve como una bala y huele a fresas, y el rock que nos estremece con sus notas impulsivas y sus ritmos frenéticos y corporales.

Armando Silva

Bogotá imaginada.

Es necesario señalar que un imaginario social se conforma no por elementos explícitos y teóricamente contruidos, sino por leyendas, mitos, historias, estereotipos, prejuicios y tradiciones, ideales y fines considerados adecuados para guiar la vida social, y apreciaciones diversas, que si bien en ciertos casos pueden expresarse verbalmente, otras veces aparecen como supuestos e imágenes subyacentes a la interacción.

Lidia Girola

Imaginarios socioculturales de la modernidad. Aportaciones recientes y dimensiones del análisis para la construcción de una agenda de investigación.



A nuestros lectores...

Durante el pasado mes de octubre la Universidad de Concepción (Chile) acogió a miembros de la Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones en el II Workshop Internacional, en donde investigadores de diversas latitudes se dieron cita en variados Grupos de Trabajo para dar a conocer el estado actual de sus apuestas académicas que, desde lo metodológico, lo teórico o lo empírico, aportan al campo de estudio de los Imaginarios y las Representaciones.

Fueron días de intenso trabajo que permitieron consolidar equipos interdisciplinarios con diferentes y complementarias visiones en temáticas variadas, dejando ver que son múltiples las posibilidades de estudio y muchas las necesidades de aportar desde estos campos a la comprensión y transformación de las realidades sociales.

A través de conferencias magistrales, ponencias, espacios de debate, presentación de novedades editoriales y otros escenarios menos formales, los asistentes al II Workshop Internacional compartieron conocimientos y proyectaron nuevos caminos de trabajo.

Imaginación o Barbarie se sumó al II Workshop Internacional poniendo a disposición de los miembros de la RIIR y otros investigadores interesados, como siempre, este espacio de opinión donde hay cabida para todas las miradas y todas las escrituras, ya que somos un escenario polífono y en constante construcción.

El monográfico que presentamos en esta ocasión recoge algunas de esas experiencias con el ánimo de recrear un poco lo vivido en Concepción (Chile) mientras preparamos las maletas, los textos y los sueños para México (lindo y querido) en el 2020.

Esperamos que lo disfruten.

Equipo editorial **Imaginación o barbarie**.



IMAGINACIÓN O BARBARIE

II Workshop Internacional Investigación en Imaginario y Representaciones

- ✓ Imaginário: Métodos de Pesquisa e Aplicações 6-15
práticas dos resultados
Danielle Perin Rocha Pitta
- ✓ El arte y los imaginarios: ¿dónde se encuentran? 16-24
Armando Silva

Sobre los Grupos de Trabajo...

- ✓ GT Migraciones 25-30
Teresa Pérez Cosgaya
- ✓ La experiencia comunicológica 31-35
Rubén Dittus
- ✓ Comentarios sobre el trabajo en GT Juventudes 36-37
Catalina Mendoza Riquelme
- ✓ Imaginarios sociales e identidades sociales 38-43
divergentes
Andrea Aravena Reyes
- ✓ Lo urbano desde sus imaginarios y representaciones: 44-49
textos y contextos
Paula Vera y Luis Guillermo Torres Pérez
- ✓ Grupo de Trabajo sobre Género, Cuerpo y Sexualidad 50-56
GT:GCyS)
Elizabeth Ballén Guachetá
- ✓ Puntos de encuentro: Itinerarios de la 57-64
investigación sobre representaciones e imaginarios
en educación y política
Carol Fernanda Ramírez Camargo



Imaginário: Métodos de Pesquisa e Aplicações práticas dos resultados

Conferência apresentada no 2o workshop internacional
Investigación en Imaginario y representaciones - 2018
(Resumo)

Danielle Perin Rocha Pitta

Associação Ylê Setí do Imaginário
UFPE Recife - Brasil - 2018

Em sua proposta de "um novo espírito científico", o filósofo francês Gaston Bachelard orienta a ciência para uma mudança de paradigma, propondo uma epistemologia não somente cartesiana, mas enveredando pela fenomenologia. Uma fenomenologia poética. Por outro lado, constata a antropologia que a expressão de uma cultura, se faz através dos sistemas simbólicos (Cassirer) presentes tanto na matemática, na linguagem, na organização econômica etc., quanto nas obras de arte, na mitologia, ou na religião, e no cotidiano.

Por sua vez, Gilbert Durand vai propor um "novo espírito antropológico", abordando ciências e tradições como formadoras dos saberes. Coloca que os diversos sistemas simbólicos fazem parte de uma mesma dinâmica. A apreensão das estruturas antropológicas do Imaginário é que vai permitir delinear e compreender a articulação básica existente entre os diversos sistemas. Trata-se do "trajeto antropológico", isto é: o incessante intercâmbio existente, a nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as

intimações objetivas emanando do meio cósmico e social" (G. Durand).

Para elucidar a noção de imaginário, Gilbert Durand, longe de estabelecer uma nova dicotomia (o que pode dar a pensar a divisão entre regime diurno e regime noturno) estabelece a existência de 16 estruturas do Imaginário, e utiliza a lógica do terceiro incluído, a lógica contraditorial, o que permite à antropologia a compreensão, a apreensão, de lógicas outras, não dicotômicas. Permite também escapar de uma interpretação eurocêntrica: Segundo Cavalcanti: "A Teoria Geral do Imaginário é, portanto, inovadora porque refunda o objetivo universal do conhecimento científico sem o pejo etnocêntrico. Ou seja, uma universalidade nova, multifacetada como o próprio Imaginário".

Como bem insiste o autor, o objetivo de uma fenomenologia poética não é explicar, mas implicar-se. Deste modo o novo paradigma proposto, através das hermenêuticas instauradoras, vêm complementar as antigas hermenêuticas redutoras: evolucionismo, positivismo, funcionalismo, estruturalismo entre outras. Para tanto é necessário enveredar pela transdisciplinaridade. As três bases da pesquisa transdisciplinar sofreram um avanço, isto é, esta passou a considerar os diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade tal como estudada por Nicolescu (1996). Trata-se também de estabelecer pontes entre os diversos saberes: a genética, o biológico, o psicológico, o social, etc. e o cotidiano (Maffesoli) levando em conta as dimensões do espiritual e do sagrado.

Neste sentido G. Durand estabelece um vocabulário específico: o *scheme*, que é uma intenção de gesto; o arquétipo que é uma imagem universal (C. G. Jung), e o símbolo que se caracteriza como uma imagem cujo sentido, diferentemente do signo, está sempre em aberto. A própria noção de estrutura é redefinida como uma forma transformável e logo dinâmica. Grandes componentes do imaginário, os mitos são aqui entendidos em sua acepção antropológica como os relatos fundantes das culturas, inclusive das nossas, das sociedades industrializadas e ocidentalizadas.

G. Durand, propõe pois uma Mitodologia, ou seja, uma metodologia centrada no mito, composta de mitocrítica, mitanálise, AT-9, ATL-9.

A mitocrítica é "um método de crítica literária ou artística que centra o processo compreensivo sobre o relato mítico inerente ao significado de todo relato. A mitocrítica se quer um método de crítica que seja síntese construtiva entre as diversas críticas literárias e artísticas, novas e antigas, que até agora se afrontavam esterilmente". Já a mitanálise é "a análise dos mitos em tensão em uma certa sociedade, em uma certa época". Para proceder a uma mitanálise, é preciso empreender "uma conversão metodológica que consiste em abandonar o dualismo do linguajar - tão tenaz nas nossas línguas indo-européias - por uma linguagem (...) mais descontínua (...). Isto significa que para se chegar à compreensão de um contexto dado, deve-se enveredar pelo caminho do plural...".

O AT-9 (arquétipo teste de 9 elementos) criado pelo psicólogo Yves Durand, a partir das “estruturas antropológicas”, é um teste projetivo que consiste na composição, individual, de um micro universo e de uma narração, à partir dos nove arquétipos solicitados. A primeira derivação diz respeito ao ATL-9 (arquétipo teste do lugar de 9 elementos), por mim concebido. Para a sua aplicação é preciso imprimir mapas do bairro a ser estudado, só constando por escrito o nome das ruas, ou, na sua ausência, o traçado com a indicação dos locais públicos (igrejas, feiras, escolas, comércios) de maneira a que o indivíduo possa se localizar. A seguir solicita-se ao entrevistado (componente de uma amostragem previamente elaborada) que desenhe os 9 arquétipos no mapa.

Quanto às aplicações práticas:

No campo da educação é que têm se desenvolvido a maioria das ações. A base desta orientação deve-se ao CICE (Centro de Estudos do Imaginário, Cultura e Educação), da Universidade de São Paulo. O professor Paula Carvalho foi líder deste grupo. Líder também, foi Maria Cecília Sanchez Teixeira, que tem como tema central de sua pesquisa a gestão da escola como prática educativa simbólica e participação em grupo. Apoiando-se na Antropologia das Organizações e da Educação e na Culturanálise de Grupos, parte-se do pressuposto de que os processos gestionários na escola, ao mesmo tempo em que estão referenciados ao contexto político, cultural, ideológico e organizacional, decorrem, também, da dinâmica sócio-psico-organizacional dos grupos.

No que diz respeito ao meio ambiente, F. Capra, entre outros, vai estabelecer relações entre a visão mítica do universo e o tratamento que é dado à terra. Percebe-se então o quanto a visão de mundo que se tem, o quanto a percepção simbólica que se tem do universo comanda, na prática, a agricultura, a economia, a alimentação, usos e costumes.

No candomblé por exemplo: “o saber não tem relação direta com a explicitação formal de conteúdos, mas com a compreensão pelo sujeito da sua trajetória no mundo. É a busca pelo saber ser, no respeito pelo outro, pela natureza, pelos valores ancestrais”. Nesta perspectiva toda a natureza é sagrada, a Terra é Mãe, os orixás representam a energia de cada elemento (água, terra, fogo, ar e suas diversas manifestações), e merecem reverência e respeito. Poluir, envenenar, destruir (com bombas) a própria mãe, é impensável. O XV Ciclo e Estudos sobre o Imaginário, realizado no Recife em 2008, teve por tema Imaginário do envolvimento/desenvolvimento, com a participação de dez países, inclusive da África, com o objetivo de modificar o olhar para agir de maneira diferente nas diversas práticas sociais (política, economia, etc.).

Ação possível: considera-se com G. Durand, que uma cultura não “muda” de mitos, mas em um país multicultural como o Brasil, é possível valorizar, pela educação e pela arte, outros mitos que não os veiculados pelos grandes meios de comunicação, e dentro de cada mito é também possível valorizar certos mitemas e não outros, e assim provocar uma mudança de bacia semântica.

Em relação à saúde, várias têm sido as práticas decorrentes dos estudos do imaginário: desde o estudo do imaginário de doadores de rins (Odette Vasconcelos), o estudo de Dimensões Culturais no Tratamento do Câncer Bucomaxilofacial (Emanuelle Ribeiro de Oliveira), até o cotidiano da atuação de enfermagem, e os cuidados à pessoas idosas e saúde da família.

O conhecimento das "estruturas", permitindo um outro olhar sobre o espaço está na raiz de diversas propostas. Entre outras, amplia a compreensão da dimensão simbólica na qual se posicionam as práticas e as reflexões pertinentes à Arquitetura e ao Urbanismo. As interações entre as Representações - entendidas no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo como as imagens (desenhos, fotografias e anotações alfanuméricas), os objetos (maquetes e modelos) e as sínteses híbridas (audiovisuais e multimídia) - são estudadas na FAUUSP e em outras instituições nacionais e estrangeiras, articuladas pelo professor Artur Rozestraten.

Por outro lado, como já exposto em relação às derivações do AT-9, o ATL-9 traz preciosas informações quanto à vivência do espaço. É com este teste que trabalha Tania da Rocha Pitta. Tem ela atuação em projeto arquitetônico para: música, saúde, equipamentos públicos; e publicações sobretudo nos seguintes temas: Arquitetura, paisagem, ambiente, espaço e imaginário. Em pesquisas anteriores a arquiteta utilizou o ATL-9 em estudos de bairros de Grenoble (França) que permite visualizar onde se concentram os simbolismos positivos e negativos nos mapas, e o que significam.

Artes, Literatura, teatro, cinema (assessoria): a procura por novos paradigmas condizentes com a pós-modernidade tem feito grupos artísticos procurarem a assessoria de especialistas do imaginário: por exemplo, o grupo de teatro "O poste soluções luminosas" (Recife), desejando montar um espetáculo, "Ombela", a partir de um poema de autor africano, procurou conhecimentos sobre simbologia, arquétipos, schemes (que como já foi dito, são intenções de gestos) e mitos locais. A Associação Ylê Setí, deu assessoria ao Filme de Maoro Pitta: "Orixás, uma tradição viva", que mostra as dimensões simbólicas dos rituais.

Em política: a atuação de Claudia Leitão quando Secretária de Economia Criativa do Ministério da Cultura considerou as teorias de Gilbert Durand, o cotidiano e o imaginário, tendo organizado sua política levando em conta os métodos do imaginário, criando o Programa Cultura em Movimento: Secult Itinerante.

○ Grupo Videlicet Religiões, da universidade Federal da Paraíba, fundado em 2007 e dirigido pelo professor Carlos André Cavalcanti, considera que: "É possível combater a Intolerância com o cruzamento dos dados do imaginário, elencando narrativas universais mesmo entre religiões que desenvolveram antagonismos no tempo histórico quando afastaram-se das confluências do tempo mítico religioso" .

Ressaltamos que certamente a aplicação mais prática a que se destinam os estudos do imaginário, é a de mudar a visão de mundo daqueles que consideram o planeta terra como matéria a ser dominada. A imagem a ser vista agora, na pós-

modernidade, é a de um sistema em incessante movimento, uma rede, uma trama, da qual o ser humano faz parte, e da qual é indissociável. Nesta perspectiva, não faz sentido dominar a terra, pois isto equivale a dominar a si próprio. Pode-se também privilegiar, tanto na academia como no cotidiano, uma lógica de inclusão: das pessoas entre elas, das pessoas com o meio ambiente, com a natureza, das pessoas com o cosmos. Diz Gilbert Durand: "Eu queria fazê-los tomar consciência da atividade epistemológica e filosófica profunda que está sendo realizada, e que rompe com quatro séculos de divisões, de oposições, entre o universo das ciências e o universo das belas artes, da literatura, da vida cotidiana, do Imaginário".

Bibliografia

- ARAÚJO, Alberto Filipe; GOMES, E.; ALMEIDA, R.O Mito Revivido. A mitanálise como método de investigação do imaginário. São Paulo: Kepós, 1. ed., 2014.
- ARAÚJO, F. Introdução ao imaginário. In: ARAÚJO, F.; BATISTA, P. Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de (Org.). Imaginário e Educação: reflexões teóricas e aplicações. Ed. Átomo, 2006
- AZEVEDO Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbassi (orgs.) Estilhaços do Imaginário - Ed. Alínea, 2017
- BAEZA, Manuel Antonio R. Ocho argumentos básicos para la construcción de una teoría fenomenológica de los imaginarios sociales. Seminario GCEIS, "Imaginarios sociales II". Concepción, 8 de Mayo de 2004.
- CAVALCANTI, C. A.: O que é imaginário? Ed. UFPB, 2015

- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DUNCK-CINTRA, Ema Marta e BORGES Lorena Araújo de Oliveira. Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora - Thesaurus Editora, 2016
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.
- _____. As estruturas antropológicas do imaginário. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007
- _____. O imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 2004
- JUNG, Carl. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- MARIANO NETO, Belarmino. Ecologia e imaginário: memória cultural, natureza e submundialização. João Pessoa: Editora Universitária/ Centro de Tecnologia - UFPB, 2001
- PAULA CARVALHO, J. C. de. Práticas Simbólico-organizacionais. A ecologia imaginária e o paradigma tropical: lições culturais para repensar a epistemologia e a metodologia das práticas iátricas e das práticas educativas. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu, v. 2, n.2, p. 97-126, 1998.
- ROZESTRATEN, Artur Simões. Portadores - imaginário e arquitetura. Ed. Annablume ano?
- ROCHA PITTA, D. P. Dimensões míticas na complexidade dos espaços imaginários. In: Congresso Internacional: Espacios Imaginarios, Cidade do México - UNAM, 1999.
- ROCHA PITTA, Tania. « L'éphémère dans les villes proposition pour une rénovation symbolique de l'espace urbain », Sociétés, vol. No 71, no. 1, 2001, pp. 37-45.
- ROCHA PITTA, Tania. Promenades imaginables dans le creux de villes contemporaines: de l'imprévisible subversion de

la beauté de la forme: Noto, Belleville, Morro da
Conceição.

XIBERRAS, Martine. Prática da imaginação: lendo Gilbert
Durand. As prensas da Universidade de Laval, 2002

XIBERRAS, Martine. As Teorias da Exclusão. Para a construção
do imaginário do desvio, Lisboa: Instituto Piaget. 1996





El arte y los imaginarios¹: ¿dónde se encuentran?

Conferencia presentada en el 2° workshop internacional
Investigación en Imaginarios y representaciones - 2018
(Resumen)

Armando silva

PhD en Filosofía y Literatura Comparada
de la Universidad de California

Pongo en consideración que aquello que denominamos imaginario posee la condición social de 'producir asombro' (Silva, 2016). De este modo, entonces, ubico la producción de imaginarios allí donde una función estética se hace dominante, pero no como arte, sino dentro del proceso de las interacciones sociales que, como hecho afectivo, se desarrolla de modo grupal y, entonces, a manera de interacción de sentimientos. Lo grupal implica lo del común, significa la interacción entre otros cercanos, el "nos-otros" o sea yo y los otros. Se trata de fuerzas psicológicas de una colectividad, en buena parte emancipadas en su percepción de juicios lógicos comprobables o argumentables que, mientras van tomando forma en su circulación social, se va haciendo dominante esa sensación de asombro sobre la referencialidad al objeto que la provoca. En el arte, de modo específico, los imaginarios están libres de representar una convivencia social, así la obra artística presente unos contenidos políticos explícitos, como lo destacan obras o *performances* del arte público, realizados o puestos en escena para que los

¹ * Estas reflexiones las expuse de modo más amplio en mi ensayo "Imaginaries in Contemporary Aesthetics": DOI: <http://dx.doi.org/10.17742/IMAGE.VOS.7-2.10> ; ISSUE 7-2, 2017. Luego en mi ensayo "Arte y ciudades imaginadas" que se publicará en el libro de Liliana Cortes (Ed) *Ciudad, muralismo y creación*, Universidad Piloto, Colombia, 2019

ciudadanos actúen. En los imaginarios sociales, entonces, lo estético es parte del cuerpo vivencial de cada sujeto de la colectividad, son verdades asimiladas como parte de una existencia y, por tanto, se reacciona ante ellos como se hace dentro de una certeza de identidad. Es la manera como las palabras o las imágenes, desde donde el sujeto constituye las categorías imaginarias, se vuelven acción y se transforman en programas de vida urbana que son precisamente de lo que nos ocupamos sus estudiosos. Por ello cabe esta descripción de su objeto de estudio: los imaginarios estudian los programas sociales donde la función estética se hace dominante como un modo de percibir y de actuar una colectividad. Entonces desde esta perspectiva en la que buscamos entender de qué materia están hechos los imaginarios se hace necesario encontrar una justificación desde el sentido estético, que asumimos como su parte constitutiva de la percepción social.

Esas interacciones que describo entre arte y los imaginarios, se amplían y consolidan en el llamado arte contemporáneo. Precisamente por el hecho de darse en tendencias contemporáneas dominantes una confusión entre arte y vida social estetizada, ello condujo al observador y crítico, A. Danto, a decir que la diferencia entre una caja de jabón Brillo, como percepción social, y una obra de arte, consiste en que una caja de jabón Brillo lleva incluida una teoría del arte. "La caja de jabón Brillo (de Warhol) no hubiera podido ser obra de arte hace 50 años". El arte en estas condiciones se des-define, o sea, pierde su definición y "des-estetiza", es decir, pierde su componente estético de placer y belleza. Ya no se puede definir de este modo, y lo

que se presenta aún como arte no pretende producir experiencias estéticas en el sentido de la experiencia tradicionalmente consagrada de la belleza, lo sublime y la invención. Es así mismo, como otro crítico, Yves Michuad, afirma algo aún más contundente refiriéndose a una fuerte tendencia del arte contemporáneo: "son las actitudes (los gestos, las acciones) las que hacen arte y pronto solamente estética: son las actitudes las que hacen experiencia sensitiva [...] La transformación del arte en éter o en gas..." (2009: 139). La belleza, si miramos el entorno, está en todas partes mientras el arte en ninguna, puede ser más bien invisible pues se trata, las más de las veces, no de producir un objeto, como en las bellas artes (una pintura, un filme, una escultura...) sino de hacer significar de otro modo lo que ya existe. Lo que no deduce que la habilidad del artista haya desaparecido. Al contrario, "es más grande que nunca". O también se puede decir que se hizo necesario para el artista de hoy "ensayar una visión del arte expandida en tantas zonas de la vida social sin obligarlos a representar 'estrategias de distinción', a ejercer 'violencia simbólica'" (García-Canclini, 2010: 24). Y esa es, en corto, la paradoja contemporánea a la cual apuntan los estudios de imaginarios urbanos: mientras la estética triunfa hasta en los objetos más inesperados, los ritos funerales o el turismo extremo de cercanía con la muerte, el arte se va apartando de las obras objetuales o bellas para ejercerlo mejor en *performances*, intervenciones sobre objetos ya existentes, o proyectos donde lo que vale es el proceso y no la obra; "es como si a más belleza menos obra de arte" (I Michuad, 35). B. Groys es todavía más sintético definiendo la contemporaneidad desde la instalación (2008): "la instalación es un lugar de apertura,

de revelación y des ocultamiento, precisamente porque sitúa dentro de su espacio finito a imágenes y objetos que también circulan en el espacio exterior" (y de este modo se abre al exterior). "Es por eso que la instalación consigue manifestar abiertamente el conflicto entre la presencia de imágenes y objetos dentro del horizonte finito de nuestra propia experiencia y su circulación invisible, virtual, "ausente" en el espacio exterior a ese horizonte, un conflicto que define la práctica cultural contemporánea".

La conclusión de Groys es significativa a nuestros propósitos de traer paradigmas del arte a las disciplinas sociales que se ocupan del estudio de los imaginarios: mientras el arte Moderno estuvo trabajando en el nivel de las formas individuales, el arte contemporáneo está trabajando en el nivel del contexto, de marco, el fondo de la nueva interpretación teórica. Incluso "si una instalación consistiera en una pintura individual, es todavía una instalación, ya que el aspecto crucial de la pintura como una obra de arte no es el hecho de que haya sido producida por un artista, sino el de haber sido seleccionada por un (otro) artista y presentada como algo escogido. No es el productor sino el que la nombre" (B. Groys, 2008) en nuevo creador. Este ejercicio semiótico de nombrar y renombrar lo que ya está, le da al artista creador una nueva potestad semiótica, de la cual carecía en el pasado. Y, claro, se puede uno preguntar si el artista de este modo ha perdido una capacidad creativa o si, al contrario, como me parece, ha ganado otra de mezclar y revolver como un editor o aún más explícito,

como un interventor de los imaginarios urbanos de una urbe o una comunidad.

Aparecen, en consecuencia, desde los primeros años del nuevo milenio, obras que hablan de proyectos, de estéticas relacionales, de ecologías culturales, de emergencias estéticas, de procesos sociales, todos ellos vistos como una gran obra, según lo haga ver o sentir la sensación... de algún teórico, un curador o un artista. Especies de expansiones de entornos centrados en objetos que sitúan y estabilizan a los individuos, que definen sus identidades "tanto como las comunidades y familias solían hacerlo" (Ladagana, 2010: 56). Sin embargo las personas- y esto es lo que destaco- por fuera del arte generan formas colectivas de subjetividad, no solo a partir de determinadas demandas, sino también en torno a ciertas *formas* de expresarse². "¿Acaso esta dimensión estética de la participación ciudadana podría ser considerada como un aspecto de la cultura, o es de manera un tanto más radical un medio circunstancialmente adecuado para comunicar los "contenidos" de determinadas demandas afectivas?" A esto último corresponde al sentido estético del enfoque de los imaginarios donde los ciudadanos cometen hechos políticos desde demandas de sus deseos comunes, produciendo imágenes y formas estéticas que pueden entrar en desafío con poderes instituidos

Así, entonces, la función de las figuraciones percibidas en imágenes en la vida social no es solo la de instituir distinciones, sino también de introducir valores y,

² Cfr. A. SILVA. *Atmósferas ciudadanas*, Bogotá, Universidad Externado de Colombia, 2013 donde me ocupo de una estética social como nichos estéticos amarrados a experiencias del grafiti y del arte público.

por tanto, de modelar conductas. Todo aparece inscrito en una constelación de relaciones con otros símbolos, y esas formas simbólicas que van desde lo religioso a lo mágico, desde lo estético a lo económico y a lo político, los imaginarios así "forman un campo (figurativo) donde se articulan las imágenes, las ideas y las acciones", como lo expresan Luckmann y Baczko (1984: 30), y es por esto que los imaginarios sociales serán fuerza reguladora de la vida social en toda organización colectiva.

Empero, si aceptamos que los imaginarios están hechos de estética, como argumento en distintos escritos (A Silva, 2014) debemos subrayar que, en ella, en esta dimensión, cabe tanto lo cognitivo, como lo afectivo y, por tanto, una visión imaginaria lo es desde los sentimientos. No se parte del conocer en sí, sino más bien el conocer donde priman los afectos. Por ello que existen ciertos sentimientos en la vida social que construyen imaginarios dominantes, como los miedos, las venganzas, ilusiones, odios, o anhelos de futuros, o hablando en el espacio, los sitios de fronteras nacionales, todas esas situaciones donde más están comprometidos los afectos y por tanto hay una mayor producción imaginaria. De todas esas emociones quizá sea el miedo el sentimiento de mayor consistencia de arrastre en el urbanismo cultural contemporáneo; los miedos en la ciudad, como residuo de otros sentimientos que conducen a actuar. Si miramos sus modos de actuar, quizá se pueda entender mejor la mecánica desencadenante de un imaginario que domina en un momento la percepción social.

Expuesto lo anterior como tema de referencia, califico los imaginarios como una "encarnación de sentimientos" en las conductas colectivas, los que no asumimos, hablando de los imaginarios urbanos, desde la ciudad física, sino en los modos culturales como los ciudadanos usan y ven ese entorno material: la ciudad física se percibe y usa desde la ciudad imaginada, como argumentamos, ya dije, en *Imaginarios: el asombro social* (A Silva, 2014). Los imaginarios no son de la ciudad sino de lo urbano, del urbanismo ciudadano, como lo denomino. Ocurre la visión imaginaria en tres situaciones: cuando domina lo imaginado sobre lo real; cuando domina lo real sobre lo imaginado o cuando hay una relación de equivalencia entre lo imaginado y lo real. Es la primera situación la que quiero destacar en esta breve nota, se da cuándo un hecho, un objeto o un relato no existen en la realidad empírica comprobable, pero una colectividad los imagina y los vive como realmente existentes, lo que ocasiona una gestualidad ciudadana. Caben acá las situaciones más evocativas y menos llamadas a realización empírica y, por tanto, es la situación de mayor capacidad detonante del fantasma urbano. Ello se puede ver en imágenes, apenas como ejemplos:



Foto 1

En la -foto 1-, se puede percibir el desgarrón imaginario que intenta el publicista al querer decirnos, casi al susurro, lo que puede pasar adentro, en esos apartamentos, con la bella modelo incrustada

literalmente en la vivienda, en un capítulo que bien podría denominarse sexo y arquitectura. Lo objetual y funcional de la arquitectura en el centro de Buenos Aires es, digamos intervenido por una encarnación erótica y se produce una nueva imagen de percepción social



Foto 1

O en la -foto 2- en la que muestro una nueva tendencia en el estudio de los imaginarios basada en la *semiótica del secreto* y que busca captar momentos de gran capacidad imaginaria en las que los ciudadanos son sorprendidos en haceres urbanos que al ponerlos en conjunto dan significativas muestras de identidad de un lugar, como lo hace la arquitecta Hanni

Uessler³ en la chica que se oculta para maquillarse en un sitio de circulación pública, un baño, en Bogotá no es arte, es la construcción social de un imaginario: la chica sorprendida en su secreto va a circular las calles encarnando una belleza pública.

Bogotá, Dic. 19 del 2018



³ Con la arquitecta paisajista Hanni Uessler se ha iniciado una nueva tendencia para la puesta en escena de los imaginarios urbanos, "secretos", donde se intenta captar un desgarrón imaginario en escenas de la ciudad. Esta técnica visual al dimensionarla en altos volúmenes que clasificamos por temas, nos arroja residuos de comportamientos ciudadanos que pronto hemos comprendido como marcas de la ciudad: inicialmente se ha propuesto para ser soporte en la búsqueda de nuevos emblemas para representar la ciudad desde los ciudadanos para programas de turismo en Bogotá (Universidad Externado, Cotelco -Asociación de Hoteleros en Colombia- y Alcaldía de Bogotá, 2018)



GT Migraciones

Teresa Pérez Cosgaya

En el Grupo de Trabajo de Migraciones, del pasado 2° Workshop Internacional de la Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y representaciones, de las 22 ponencias aceptadas, se presentaron solo 7. Esto tuvo sus desventajas y sus ventajas. La principal desventaja fue no poder conocer todos los trabajos que estaban en el programa que, sin duda, habrían enriquecido la discusión temática, teórica y metodológica. Asimismo, se acortó el tiempo disponible para el trabajo del Grupo y con ello se generó una tendencia a su disipación hacia otras mesas de interés de los participantes. En este punto se ha concluido la importancia de reforzar la lógica del workshop y de grupo de trabajo, favoreciendo el compromiso de los participantes con su grupo, en la búsqueda de enriquecer el nivel y el contenido de las discusiones teóricas y metodológicas en torno a la investigación de representaciones e imaginarios sobre y en torno a la migración.

Del lado de las ventajas del reducido número de ponencias en relación con las esperadas, está que aquellas que fueron presentadas pudieron ser retroalimentadas con mayor plenitud por el resto de los participantes, lo que también favoreció el nivel de los análisis expuestos.

Esto produjo la sensación de éxito en la coordinación y, esperamos, en cada uno de los ponentes. Éxito expresado en un diálogo conceptual y metodológico, así como temático, en el que las preguntas, dudas y comentarios, eran recibidos como una oportunidad de mejora de los trabajos y una instancia reflexiva sobre las herramientas analíticas puestas en juego, las apuestas metodológicas y otros marcos posibles.

La primera ponencia presentada, de Javier Diz (ESP), titulada: "La institución imaginaria de la emigración en una comunidad de niños, niñas y jóvenes magrebíes", analizó cómo, desde la infancia, se institucionaliza el imaginario de la migración como alternativa de vida, estableciendo un eje valórico de la acción de migrar. Este eje es "la bondad" de migrar frente a la posibilidad de la muerte y los procesos de dolor que también acompañan la migración. De acuerdo con los hallazgos de la investigación, en el imaginario de los niños, este extremo del eje, el del dolor y la muerte, es lo que prima. En este sentido, se releva el potencial del concepto de imaginario y de la investigación sobre los imaginarios como un encuadre valórico y de expectativas que se transforma en una institución que, a su vez, guía la acción de un proyecto en los niños. Además, también se releva la importancia de hacer sujetos a los niños del proceso de institucionalización del imaginario y su autoposicionamiento en un extremo del eje valórico, en el sentido de "lo que hace valiosa" a la migración. Es decir, pone en la mesa cómo este actor, frente a la institución imaginada de la migración, enfatiza el extremo del dolor y la muerte, frente al extremo de las bondades de migrar.

La segunda ponencia, de Jazmín León (MEX), titulada: "Migración Puebla- New York: Una mirada desde la nostalgia", analiza, desde el enfoque y las herramientas que aporta el transnacionalismo, la construcción imaginaria del terruño, desde la nostalgia. Su propuesta es que esta construcción se organiza en torno a tres asuntos: la comida, los objetos y las redes sociales. De acuerdo con cómo resuelven la nostalgia en estos ámbitos, es decir, prácticas gastronómicas, la adquisición de objetos y la construcción de vínculos con connacionales y coterráneos locales, tratan de reproducir el terruño que recuerdan, y que es imaginado, en el nuevo espacio de residencia. Este trabajo mostró, muy coherentemente con el enfoque analítico elegido, cómo el imaginario nacional y local es una herramienta en el proceso migratorio en general, y en específico en el proceso de adaptación-resistencia al nuevo espacio. Adaptación a lo no conocido, desde la seguridad de la reproducción y resistencia de lo conocido, pero que no será exactamente igual.

El tercer trabajo, de Teresa Pérez "Distintas formas de querer al forastero. Representaciones de los inmigrantes haitianos y venezolanos en los medios de comunicación chilenos", presentó un testeo exploratorio de las herramientas de análisis que se han ocupado en los estudios de la representación de la inmigración en los medios de comunicación en Chile, para una nueva realidad de la migración. Esta nueva realidad sería el crecimiento exponencial de dos comunidades en particular: la haitiana y la venezolana. El trabajo plantea que los estudios sobre medios y migración han establecido como ejes de análisis: la

migración como un problema, la inferiorización de los inmigrantes y la racialización, pero sobre todo considerando la inmigración andina, entonces, prueba si estos mismos ejes son útiles para esta nueva realidad migratoria. Concluye que para el caso de la migración haitiana, los ejes funcionan, pero para la inmigración venezolana no, pues no hay una clara tendencia a su inferiorización y, menos aún, a su racialización.

El trabajo de Mariana Flores (MEX) "Cartografía de llegada en la nueva narrativa latinoamericana. Migración y desplazamiento en el siglo XXI", propone que el imaginario de la migración en la literatura puede ser aprehendido desde la cartografía como método, pues permite establecer y reconstruir itinerarios de la migración. De este modo, se centra en la reconstrucción de la llegada del migrante y sus significados en la literatura.

Luisyane de María Carlos Terrado (Chile), a través de su trabajo, "Imaginarios de las migraciones para la comprensión de las tensiones identitarias en Chile a comienzos del Siglo XXI", trata de reconstruir los imaginarios de la migración de inmigrantes haitianos en el sur de Chile para comprender cómo este imaginario puede tensionarse con la realidad que encuentran en el proceso migratorio, pero también con la identidad atribuida en el imaginario chileno a la inmigración y a los inmigrantes. Algunas de estas tensiones se expresan en, por ejemplo, la autodefinición identitaria de los chilenos de Osorno como la Ciudad blanca y el contraste de esto con la llegada de población negra. Pero también, por ejemplo, el contraste del imaginario de los inmigrantes

haitianos de Chile como país de oportunidades y sus dificultades para encontrar trabajo.

Cristina Urias Espinoza (USA), con su trabajo, "Vivir entre sapos, hormigas y mexicanos: La experiencia de habitar de colonos estadounidenses en México, 1884-1910", aborda el imaginario de los inmigrantes estadounidenses hacia el norte de México, específicamente a un poblado llamado Topolobampo, a finales del siglo XIX y principios del XX. Topolobampo tiene la singularidad de ser un pueblo socialista. La investigadora revela cómo los estadounidenses inmigrados imaginan su *habitar* en México, dando significado a su estar y la construcción de su pertenencia en este poblado.

Finalmente, en el trabajo presentado por Aída Fernández (VEN), "Estudios territoriales en América Latina desde la memoria, historia e imaginarios socioculturales", la investigadora propone el estudio del imaginario de la migración, como el imaginario de la otredad. La otredad respecto del país de origen, pues el migrante se vuelve "otro" de ese lugar; la otredad respecto del país de destino, pues también es "otro" en ese lugar. Al mismo tiempo, estos lugares son "otros" en el imaginario del migrante, que construye sobre la base de su memoria. En este sentido, estos otros territorios contruidos desde y en el imaginario del migrante, se pueden inscribir en los Estudios territoriales de América Latina, cuando se trata de flujos migratorios interregionales.

A partir de esta experiencia, surgen expectativas para el próximo Workshop, así como oportunidades de mejora, entre

las que destaca para el Grupo de Trabajo en particular, la generación de una estrategia de publicaciones de los trabajos que se pueda socializar con claridad en cada GT.





La experiencia comunicológica

Rubén Dittus

En el II Workshop Internacional de la RIIR dimos el primer paso para constituirnos como una agrupación de carácter interdisciplinar, en donde se actualicen permanentemente aquellas reflexiones en curso o proyectos de investigación que aborden distintos aspectos vinculados a la comunicación en lo teórico y metodológico, teniendo a la teoría de los imaginarios y las representaciones como anclaje conceptual. En ese sentido, no fue forzado o poco desarrollado. Se presentaron seis trabajos, en los cuales la reflexión sobre la imagería social fue la columna vertebral que unió un estudio sobre el rumor, el cuerpo, el miedo, manuales escolares, el paisaje y el guion.

La primera jornada del grupo la inició Bruno Lutz (Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco, de México) con un estimulante estudio titulado "Rumores después del sismo de septiembre 2017 en México". Se analizó la guerra informativa entre las autoridades, los medios masivos de comunicación y las redes digitales, en los días siguientes al terremoto del 19 de septiembre de 2017 en la Ciudad de México. Se constató que en este periodo de emergencia, los desmentidos oficiales fueron parte importante del clima de desconfianza entre el gobierno y las víctimas del desastre natural, generando un imaginario social particular, y cuyo hito fue la difusión del rumor de la niña Frida Sofía

supuestamente atrapada viva debajo de los escombros de su escuela.

Grace Benalcázar (Universidad Politécnica Salesiana de Ecuador) analizó la ausencia física del cuerpo y su impacto en la percepción. A través de la ponencia titulada "La tecnología del cuerpo imaginado", explica cómo a través de la conformación del imaginario de un cuerpo, la tecnología se convierte en una fuerza creativa que actúa en los momentos de ausencia del otro, materializándose como praxis en el tejido social. El cuerpo ausente se conforma, entonces, como un signo plano, en dinámicas digitales de socialización virtual que simulan corporeidad, reconfigurando la percepción tridimensional. Ello es posible porque el lenguaje forja representaciones del cuerpo imaginado y busca el sentido de su ausencia otorgándole un contexto simbólico.

María de la Luz Franco (Universidad de Guadalajara de México) presentó el estudio titulado "La formación y movilización de imaginarios sociales del miedo y seguridad a través de la espectacularización de la violencia en los medios virtuales de información en Guadalajara". Se revisaron páginas de noticias de participación ciudadana dirigida a la difusión de noticias de distinto interés como la página Trafico ZMG y la crónica roja como la página Inseguridad ZMG. Se ubicaron las publicaciones dirigidas a la seguridad y a linchamientos para revisar los comentarios que las personas publicaban para verificar si había una aceptación o no de la violencia y su reproducción. Se constató que los usuarios no solo aceptan y normalizan la violencia, sino que la recrean como un medio de resistencia y confrontación a la sensación de inseguridad.

En el campo de las imágenes visuales, Alexis Castellanos Escobar (Pontificia Universidad Javeriana de Colombia) presentó un avance de su proyecto de tesis en el marco del Doctorado en Estudios Sociales de América Latina de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. El trabajo titulado “¿Re-presentaciones latinoamericanas? Análisis de las imágenes visuales en manuales escolares de Argentina, Colombia y México en la primera mitad del siglo XX” discute el papel que tienen las imágenes en la cultura visual escolar de la primera mitad del siglo XX a través de la revisión de 483 libros de texto producidos en Argentina, México y Colombia. Desde una perspectiva comparativa, a partir de la producción visual que se encuentra en estos manuales, se consideraron los contextos sociohistóricos de los procesos de alfabetización como punto de referencia para identificar las relaciones entre las construcciones discursivas de los estados latinoamericanos sobre la identidad nacional, sus representaciones y las condiciones materiales en que se producen. Se analizaron categorías, comentarios, procesos de argumentación visual, pies de imágenes, autorías, citas visuales, búsquedas y seguimientos visuales online y visualizaciones compartidas con pares e impares.

Bruno Jara Ahumada (Universidad de Santiago de Chile) presentó en su trabajo “Recomponer el paisaje, denunciar y evidenciar” una noción de ‘paisaje’ que lo entiende como una construcción cultural que se materializa, visualmente, según lo que se percibe socialmente de un lugar determinado. En el marco de la dictadura militar chilena (1973-1989), las imágenes paisajísticas fueron instrumentalizadas por la

oficialidad con el fin de inyectar lineamientos subterráneos dentro del tejido social. Así, se implantó una determinada noción geopolítica que, connotativamente, intentó ocultar los horrores y silenciar las demandas por la justicia. Contrariamente, un corpus no menor de paisajes disidentes disputaron la textura espacio-referencial de los hechos: los dibujos realizados por prisioneros políticos y las arpilleras tejidas por grupos de mujeres vulnerables. La hipótesis general del trabajo apunta a que el paisaje no-oficial operó en clave acusatoria-testimonial de forma principalmente denotativa. Dentro de las funciones que cumplieron estas imágenes, una de las principales fue la de evidenciar y denunciar las vejaciones en contra de la humanidad escenificadas en distintos ejes y lugares del territorio, en una paradigmática regionalización del horror.

Finalmente, Rubén Dittus (Universidad Central de Chile) presentó la tesis de que el guion es un texto que nace para ser traducido, razón que convierte al guionista en un traductor. La ponencia alimenta epistemológicamente la figura del guionista, y lo hace desde un doble anclaje conceptual. Por un lado, la idea de que "la traducción es una forma" se sustenta en la tesis que desarrolla Walter Benjamin en su ensayo "La tarea del traductor" (1923). Por otro, el paradigma descrito por Paul Ricoeur en el conjunto de conferencias reunidas en el libro "Sobre la traducción" (1997), en el cual desarrolla la alternativa práctica de "fidelidad versus traición". En ambos autores se supone la existencia de un original. El traductor mantiene una relación próxima con ese original. A partir de allí, se propone que el guionista es un traductor singular. Escribe para que otro

traduzca su creación (puede ser, incluso, él mismo, como recomienda Tarkovski). Es decir, es un traductor que no traduce, sino que deja traducir.

Desde nuestra fundación como grupo de trabajo, nos propusimos estimular la reflexión y el intercambio de conocimiento sobre los fenómenos comunicacionales (medios masivos, nuevas tecnologías, narrativas, comunicación interpersonal, prácticas culturales) desde la influencia que tienen en su configuración los imaginarios sociales y las representaciones sociales. En ese sentido, comprendemos que la comunicación es una facultad inherente al ser humano que le permite materializar lo imaginado y definir las praxis, desde las diversas posibilidades que ofrece la realidad social y la tecnología. La experiencia vivida en Concepción no solo refuerza el desafío, sino que lo proyecta para el III encuentro que viviremos en México el año 2020.





Comentarios sobre el trabajo en GT Juventudes

Catalina Mendoza Riquelme

Junto a los colegas Rodrigo Ganter Solís y Oscar Basulto Gallegos coordinamos el GT de Juventudes, en conjunto con las estudiantes de sociología de la Universidad de Concepción Valentina Pozo y Brenda Vázquez. En este espacio confluyeron investigadores/as de pregrado y postgrado, de Chile, México y Colombia, presentando propuestas de investigación, proyectos de tesis y trabajos ya avanzados.

Durante la selección de ponencias nos percatamos de la gran diversidad de tópicos que se abordaban en las propuestas, razón por la que decidimos organizar el cronograma en distintas líneas temáticas por jornada: 1) Juventudes precarizadas/marginadas, 2) Juventudes movilizadas, 3) Juventudes y construcción de imagen corporal en la era digital y 4) Culturas juveniles. La organización por líneas temáticas permitió mantener un relato que contribuyó muchísimo a la generación de debates luego de cada jornada.

Nos pareció especialmente importante potenciar el diálogo entre las distintas generaciones que participaron del GT, ya que consideramos que los estudios de juventud se deben construir desde una mirada intergeneracional para mantenerse contextualizados. La confluencia de distintas generaciones en

una instancia pedagógica como lo fue este Workshop no solo contribuyó a las necesidades particulares del GT de juventudes, me parece que la interacción entre investigaciones de pregrado y postgrado invita a los/as estudiantes a pensar en la investigación social más allá de sus trabajos de tesis, que es donde generalmente finaliza la labor de investigación para quienes estudian Ciencias Sociales.

Creo que la participación de más de 40 estudiantes de sociología y antropología en la organización del evento fue una de las instancias de mayor aprendizaje, lo que debe ser la esencia de instancias como estas. Ello se vio reflejado no solo durante el evento, sino también en las reuniones de coordinación que se dieron varias semanas antes.

Para mí, la colaboración en la coordinación general se trató de una experiencia completamente nueva que me habría gustado vivir durante mis estudios de pregrado y por ello creo que estas instancias siempre deben estar protagonizadas por los/as estudiantes de las casas de estudio en donde se organiza el evento. El equipo de coordinación siempre debe velar por generar espacios en donde puedan participar de su organización, ellas y ellos deben ser siempre el público objetivo de estos espacios.





Imaginarios sociales e identidades sociales divergentes

Andrea Aravena Reyes

El Grupo de Trabajo Identidades, del II Workshop sobre *Imaginarios y Representaciones* tuvo por objeto la presentación de trabajos y el desarrollo de reflexiones compartidas acerca de las representaciones y los imaginarios sociales de la(s) identidad(es), en diversos ámbitos (nacional, local, supranacional) y variados temas (cultural, étnico, religioso, lingüístico, político, económico), especialmente en ciudades latinoamericanas. Durante tres jornadas reunió a especialistas de diversas disciplinas como la antropología, la sociología, la psicología social, las ciencias políticas y la educación, entre otras, interesados/as en el estudio de las identidades sociales en contextos de modernidad. Junto a los estudios de identidades de pueblos originarios y de inmigrantes en ciudades contemporáneas de América Latina, la propuesta del GT fue pensada para profundizar en las expectativas, percepciones y construcciones imaginario-sociales de la identidad de y sobre las comunidades locales en estos medios urbanos, como formas de resistencia o integración a los embates de la modernidad. Los relatos contra-hegemónicos, las tensiones en torno a la discriminación y a los estereotipos, las rupturas y continuidades, la re-significación política de prácticas y espacios significativos, el cuestionamiento de los roles

tradicionales, así como la emergencia de los colectivos y agrupaciones con base en criterios de origen, de destino, etarios y género, entre otros, fueron abordados junto a otras temáticas de interés transversal. Nacionalismos, etnonacionalismos, etnicismos y sexismos fueron tratados en la divergencia de posiciones de grupos, minorías y comunidades nacionales, étnicas, juveniles, literarias y sexuales. En este espacio hemos buscado integrar la amplia discusión del grupo y solo a modo de propuesta, ofrecer una reflexión que facilite la comprensión y el abordaje de la temática de los imaginarios sociales y las identidades en relación a los contextos que las soportan.

Abordar la dimensión imaginada de la identidad desde la teoría de los imaginarios sociales, donde lo imaginario refiere al conjunto de imágenes mentales y visuales mediante las cuales el ser humano y la sociedad organizan y expresan simbólicamente su relación con el entorno (Durand, 2007), supone la posibilidad de acceder a esas imágenes y descifrar el sentido social que le es atribuido, bajo ciertas situaciones y condiciones particulares de contexto y soporte (Durand, 2004). En efecto, toda identidad tiene un requisito consistente en disponer de un escenario - lo social - para su realización, y de un guion - libreto que organiza el pensar, el decir y el actuar-, respecto a otredades individuales y colectivas (Goffman, 1982). Así, nuestro tiempo, aquel de la modernidad globalizada, de las tensiones entre lo local y lo global y de desconfianza y descontento social, nos parece un contexto propicio para indagar en la construcción de tales imaginarios identitarios.

Siguiendo a Castoriadis (2007), los imaginarios sociales son conjuntos de significaciones socialmente compartidas por una comunidad en un tiempo histórico-social determinado. Los imaginarios sociales son pues elementos fundantes de la propia sociedad y se expresan en el universo simbólico de mundo significado de cada sociedad y cultura. De esta manera, los discursos sobre los "otros" y sobre "nosotros" constituyen lugares privilegiados para profundizar en la construcción de estos imaginarios, pues se inscriben en un tiempo histórico-social. A la identidad, por su parte, se la define a partir de la idea de sentimiento de pertenencia, de construcción subjetiva de realidad y de discurso que busca legitimar todos y cada uno de los componentes imaginarios e ideacionales que se le relacionan. Pero la identidad nada tiene que ver con la naturaleza de las cosas, pues resulta de un proceso social e intersubjetivo de construcción de realidad que es en definitiva imaginario-social.

En América Latina, en nuestro tiempo histórico-social, desde el siglo XV en adelante, se estableció un imaginario dominante de la civilización y valores europeos por sobre las culturas nativas, permitiendo su explotación y en algunos casos exterminio (Todorov, 1989). Considerando que el monopolio de ciertas homologaciones puede resultar en la hegemonía de un imaginario sobre otro/otros (Baeza, 2015), las culturas y epistemologías locales fueron desplazadas y anuladas (Dussel, 1992). Junto a condiciones estructurales degradantes, se impuso una construcción social de la alteridad estigmatizada y barbarizada, primero en la figura del esclavo africano y del indio, para luego cristalizar en

un pensamiento heredado de inferioridad en muchos otros sujetos sociales cuyas trayectorias fueron analizadas en este GT: inmigrantes, extranjeros, pobladores, mujeres sumisas, personas jóvenes, personas ancianas, niños y niñas, entre otros/as, dando origen a estratificaciones y a desigualdades étnicas, sociales, etarias y de género que perduran hasta el día de hoy.

Más tarde, con los procesos de Independencias y de constitución de los Estados nacionales se impuso un ideal republicano a través de la fundación de una comunidad imaginada (Anderson, 1993) que se construyó a imagen y semejanza del modelo europeo del Estado/nación. El nuevo imaginario de nación moderna y soberana, se basó en la homogeneización étnica y cultural, aspirando a una siempre inconclusa construcción de una sociedad moderna y civilizada, en oposición al pasado primitivo y bárbaro. Pero la época que nos toca vivir, la de nuestra sociedad y cultura, no sólo es tiempo identitario, sino también imaginario, en el sentido que en el presente se manifiesta la sociedad instituyente en la sociedad ya instituida (Castoriadis, 1997). Así, Las sociedades y Estados latinoamericanos, a través de diversos imaginarios hegemónicos post independencias nacionales, -del desarrollo, de la revolución socialista, de las dictaduras militares, o de las democracias tuteladas- han construido sus propios imaginarios de nación, a través de un cierto conjunto de votos y rituales por medio de los cuales ni más ni menos, *se expresa de manera cotidiana la voluntad de continuar haciendo valer la herencia que se ha recibido*, en el sentido de lo señalado por Renan (1882).

Ya en los tiempos de radicalización del neo-liberalismo, nuestras significaciones imaginarias instituidas han hecho resurgir discursos de odio, de racismo, de discriminación, nacionalismos y vulneración de derechos como no lo habríamos imaginado hace 20 o 30 años atrás. Los imaginarios del individualismo y las post-verdades tributarias de las orientaciones de la política económica se han impuesto por sobre los imaginarios de la democracia y de los derechos y el bienestar de las mayorías. La gubernamentalidad neoliberal (Foucault, 2004) nos ha acostumbrado al gobierno de la extrema pobreza, a la "terrorificación" de los pueblos indígenas y a las prácticas de control y disciplinamiento de la juventud como nuevas formas de biopoder (Foucault, 2007); o a la preponderancia de los imaginarios de la seguridad y de la defensa contra los también existentes fundamentalismos e integristas; todos en desmedro de los otrora imaginarios de derechos y libertades que creíamos asentados.

Otras modalidades de significación de mundo, como las de los pueblos y las sociedades indígenas, otros grupos sociales no hegemónicos, otras minorías, otras identidades sexuales y sociales, intentan alzarse compartiendo sus experiencias y pesares en este mundo globalizado. Sus imaginarios no desaparecieron, claro está, pero han pasado a formar parte de un espectro amplio de imaginarios sociales dominados que cuando se levantan evidenciando las crisis del sistema, son fuertemente reprimidos. Estas manifestaciones y luchas sociales, estas identidades subordinadas, cuyas experiencias y análisis prácticamente colmaron nuestro GT, nos recuerdan la necesidad de repensar nuestros imaginarios colectivos y nos invitan a re-imaginar o imaginar de otra manera nuestro

nuevo tiempo histórico social, nuestras nuevas utopías. Tal vez ese puede ser uno de los desafíos que se nos plantea para nuestro próximo encuentro.

Referencias

Anderson, B. (1993). Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica.

Baeza, M. A. (2015). Hacer mundo. Significaciones imaginario-sociales para constituir sociedad. Santiago: RIL Editores.

Castoriadis, C. (2007). La institución imaginaria de la sociedad. Buenos Aires: Tusquets

Durand, G. (2007). La imaginación simbólica. Buenos Aires: Amorrortu.

— (2004). Las estructuras antropológicas del imaginario. Introducción a la arquetipología general. México: Fondo de Cultura Económica.

Dussel, E. (1992). L'Occultation de l'autre. Murières, Paris

Goffman, E. (1982). Interaction ritual. Essays on face-to-face behavior. Nueva York: Pantheon

Foucault, M. (2007). El nacimiento de la biopolítica. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

— (2004). Sécurité, territoire, population. Cours au Collège de France, 1977-1978. Paris: Hautes Études/Seuil/Gallimard.

Renan, E. (1882). ¿Qué es una nación? p. 10, 12. Ed. digital de Franco Savarino

Todorov, T. (1989). La conquista de América, el problema del otro. México: Siglo XXI editores





Lo urbano desde sus imaginarios y representaciones: textos y contextos

Paula Vera

Luis Guillermo Torres Pérez

El grupo de trabajo sobre Estudios Urbanos se congrega desde el interés por develar aquellos aspectos simbólicos e imaginarios que, en articulación con las representaciones y materialidades, configuran las ciudades iberoamericanas como una construcción social. Interpretar y comprender la vida urbana desde sus imaginarios y representaciones se ha convertido en un desafío que involucra a las ciencias sociales en su conjunto. Por esta razón el estudio de lo urbano, desde la perspectiva de este grupo de trabajo, implica analizar el complejo entramado de relaciones que la ciudad posee como producto y productora de lo social. En esta perspectiva, el estudio de lo urbano y de las ciudades tiene en cuenta no solo los intereses y prácticas institucionalmente establecidas, sino también la cotidianidad de sus habitantes cuyas prácticas reflejan aquella producción social que emerge de un complejo, pero al mismo tiempo enriquecido, entramado de relaciones. Dichas relaciones se convierten en insumos desde los cuales es posible construir o de-construir el conocimiento sobre lo urbano.

Con este propósito, y en la lógica que ha caracterizado el diálogo del grupo de trabajo durante los dos Workshop Internacionales: Investigación en Imaginarios y Representaciones realizados en Bogotá 2016 y en Concepción 2018, se logró reunir un grupo de expertos en diferentes

campos de las ciencias sociales que, desde sus intereses académicos y sobre todo, desde un enfoque humanista y alternativo, han venido afianzando investigaciones que problematizan los fenómenos urbanos a partir de las construcciones materiales y simbólicas desde diferentes perspectivas teóricas. Entran en este escenario estudios desde la sociología, la comunicación social, la antropología, la crítica literaria, la geografía, la pedagogía y el turismo dando cuenta de la diversidad de referentes y concepciones desde las cuales es pertinente y necesario estudiar lo urbano.

Un primer elemento que nace del diálogo en cada una de las intervenciones durante el encuentro en la Universidad de Concepción, se relaciona con la pregunta sobre cómo entender el estudio de lo urbano desde sus imaginarios. Comprender lo urbano desde sus imaginarios parte de las percepciones que poseen los sujetos sobre el espacio y los elementos que en él se encuentran. Aquí entran en tensión diversas perspectivas que se asocian a los actores implicados en los procesos urbanos analizados en cada caso. De este modo, tanto las instituciones gubernamentales como las académicas, los ciudadanos o los empresarios y desarrolladores inmobiliarios disputan sentidos (y prácticas) sobre la ciudad. Desde estas lógicas entendemos que los imaginarios urbanos inciden socialmente por su capacidad de ser comunicables y archivables en elementos simbólicos e influir en las formas de ser y actuar.

Un imaginario, al adquirir una forma inteligible o material, casi siempre en los elementos públicos, se transforma en una

representación social. Las representaciones sociales urbanas parten y permiten la construcción de conocimientos compartidos a partir de las realidades histórico culturales y de las imágenes que los sujetos forman del espacio real y simbólico. Estas representaciones no se dan de manera estática ni son solo una proyección de la imagen mental. Al ser dinámicas, las representaciones sociales están provistas de significados propios de la experiencia cotidiana que al ser comunicada, forman conocimientos colectivos y dan cuenta de la apropiación del mundo otorgando cierta entidad de "real" a partir de los sentidos compartidos socialmente.

Las representaciones sociales urbanas permiten interpretar las construcciones sociales y los sistemas de prácticas presentes en los elementos públicos del espacio. Aquí, los sujetos desde la cotidianidad son quienes constituyen un conocimiento del mundo circundante, lo apropian, le dan significado e identidad. Dichas representaciones, al ser manifestación de los imaginarios urbanos y al tiempo una construcción social, se materializan en diversos lenguajes que involucran formas verbales y no verbales que dan cuenta de las múltiples relaciones que se tejen en las ciudades de manera intersubjetiva y que al tiempo estructuran y producen el espacio urbano. De allí que podamos entender las experiencias socializadas sobre los imaginarios y las representaciones producidas principalmente en las ciudades, como textos y contextos desde los cuales se analiza los fenómenos urbanos.

Los elementos hasta aquí expuestos fueron socializados, interpretados y debatidos en las tres jornadas de diálogo

durante el II Workshop. Este diálogo se propició a partir de algunos de los trabajos e investigaciones que actualmente se desarrollan en Iberoamérica frente al tema de los imaginarios y representaciones urbanas. Esta construcción colectiva de conocimiento generó diferentes aportes conceptuales y metodológicos, que aquí son sistematizados a manera de textos y contextos. Textos por ser los referentes desde los cuales se reflexiona sobre lo urbano y las ciudades iberoamericanas constituyéndose en categorías de análisis potentes para ser profundizadas o replicadas como modelos interpretativos en diversos escenarios. Contextos, en la medida que las propuestas metodológicas son apropiadas desde modelos preexistentes que, a partir de las particularidades del espacio geográfico y social y de las necesidades e intereses de las investigaciones, son ajustados y validados.

Como texto, lo urbano es entendido desde los conflictos que allí se materializan a partir de la confrontación de intereses, en su mayoría, entre lo institucionalmente establecido o proyectado y las necesidades y las realidades de los habitantes de los diferentes escenarios urbanos (ciudad, barrio, entre otros). También se hacen presentes reflexiones en torno a la vida y las prácticas ciudadanas en las ciudades. Estas dan cuenta de aquellos imaginarios y representaciones que en la cotidianidad se construyen y permiten comprender los comportamientos ciudadanos. Pensar lo urbano desde sus imaginarios, remite necesariamente a aquellos anhelos y temores que configuran las prácticas en las ciudades, de allí la relevancia del estudio de los imaginarios del miedo y la inseguridad como referentes para la comprensión de las dinámicas urbanas contemporáneas.

Los temas expuestos presentaron dos ejes transversales: Primero el componente temporal desde el cual es posible analizar tanto los imaginarios urbanos desde sus construcciones espacio-temporales, como los cambios y permanencias en la representación de lo urbano. Lo anterior como consecuencia de aquellos elementos históricos y culturales que hacen de las ciudades un conglomerado de simultaneidades, dinamismos y causalidades. El segundo eje que logró articular el debate se refiere a las tensiones que se originan en los escenarios urbanos a partir de las construcciones y los significados entendidos como opuestos. Este último análisis se configura desde el pensamiento paradójal para interpretar aquellos elementos temporales (pasado, presente y futuro) que intervienen en la construcción de los imaginarios y las representaciones, y los aspectos que interactúan en las tensiones entre lo imaginado y la legitimación.

Como contextos, se resalta primero la implementación de algunos modelos interpretativos provenientes de áreas como la semiología, la sociología o la geografía. Estos modelos involucran los trabajos de Cornelius Castoriadis, Manuel Baeza, Armando Silva, Alicia Lindón y Daniel Hiernaux aplicados y ajustados en ciudades intermedias o escenarios particulares de las metrópolis. A esto se le suma la importancia que han adquirido en el estudio de los imaginarios y las representaciones modelos interpretativos desde las artes, las humanidades y la pedagogía, siendo este el caso de la literatura, el grabado, la fotografía, el graffiti, la didáctica de la geografía, entre otros. Lo enunciado evidencia un amplio y potente caleidoscopio de

posibilidades para la investigación en imaginarios y representaciones urbanas además de los lenguajes que emergen de la reflexión epistemológica y metodológica.

Los textos y los contextos desde los cuales se están abordando los estudios urbanos, dan cuenta de una relación fructífera entre los diferentes campos de la ciencias sociales, al encontrar en lo urbano un eje transversal y transdisciplinario. Además permite reflexionar acerca de las articulaciones entre lo global y lo local y aquellas posibilidades investigativas que logran romper las fronteras teóricas y metodológicas tradicionalmente parametrizadas. Lo anterior se convierte en una oportunidad para profundizar conceptualmente el estudio de lo urbano y apropiar metodologías que conlleven a la interacción entre diferentes redes y campos académicos y a la construcción colectiva de conocimiento.

Esta última, no solo implica los espacios propios de los workshops, sino que incluye todas aquellas propuestas y tareas que como colectivo proyectamos en diferentes escenarios físicos y virtuales. Así, se plantean retos que nos permitan responder algunas de las preguntas planteadas al finalizar nuestro encuentro: ¿Qué entendemos por imaginarios urbanos?, ¿qué potencialidades tienen las distintas perspectivas en relación a los problemas de investigación?, ¿para qué sirve trabajar sobre imaginarios urbanos?, ¿qué aplicabilidad puede tener nuestro trabajo?, convirtiéndose en una invitación a todos quienes deseen sumarse a esta apuesta académica y humana.





Presentación del Grupo de Trabajo sobre Género, Cuerpo y Sexualidad (GT:GCyS)

Elizabeth Ballén Guachetá

El GT sobre género, cuerpo y sexualidad es un espacio para visibilizar, analizar, investigar y promocionar los debates contemporáneos en torno a estas tres categorías con la intención de articular la comprensión de saberes, prácticas y experiencias adquiridas en diferentes países, grupos de estudio y movimientos feministas y LGBTIQ a la teoría de los imaginarios colectivos y las representaciones sociales.

El GT pone a discusión la pregunta acerca del imaginario y la representación que la gente construye sobre el sexo, el cuerpo, la sexualidad, la diferencia sexual, el género, categorías que facilitan la comprensión del complejo entramado de relaciones que se tejen en el marco social donde el sujeto generizado, sexuado y corporeizado se produce. El objetivo es convocar a la configuración crítica y reflexiva de las discusiones más urgentes en estos ámbitos, no perdiendo de vista que hablar del tema, dentro de la denominada ideología de género, sigue siendo un tema muy polémico que es necesario documentar y fundamentar teóricamente -desde los imaginarios colectivos y las representaciones sociales-, para comprender a qué se refieren ciertos movimientos cuando hablan de construir una cultura y una sociedad con equidad de género. Se propone detonar discusiones críticas en la docencia, la investigación, la

creación y producción editorial, así como en los medios de comunicación, la política pública, el activismo y los movimientos sociales, el ambiente laboral- organizacional- institucional para visibilizar, sensibilizar, concientizar y actuar.

Para ello, se propone un espacio donde encontrar y producir, en primer lugar, herramientas teóricas que faciliten discusiones locales sobre el género, el cuerpo y la sexualidad; para, en segundo, hacer reflexiones colectivas y diversas en torno a esos abordajes. En tercer lugar, integrar esas reflexiones de manera multidimensional y transdisciplinaria a la luz de la teoría de los imaginarios colectivos y/o las representaciones sociales. En este sentido, resulta relevante tomar en cuenta que en el desarrollo de los debates en torno al género, la sexualidad y el cuerpo se han presentado rupturas epistemológicas que conducen a complejizar la mirada analítica hacia los sujetos, las identidades y sus corporalidades. Se necesita, entonces, hacer una cartografía de los saberes y tensiones involucradas en la emergencia y devenir de los tres conceptos, y su anclaje con la cotidianidad y lo social.

Otro aspecto a cubrir en el GT es la politización del género, el cuerpo y la sexualidad, debido a la emergencia de una pluralidad de identidades en los procesos de constitución como sujetos políticos y en las movilizaciones y luchas por el reconocimiento de derechos, los cuales han propiciado un puente de diálogo entre el Estado y los diferentes actores políticos y sociales -movimientos LGTBQI y feminista-, y saberes disciplinarios -como la medicina, la psiquiatría y la

sexología, entre otras que tienen que ver con el estudio de lo biológico y comportamental.

Junto con lo anterior, se requiere una dinámica de diálogo a nivel local y regional, dadas las relaciones entre sujetos e identidades que dan cuenta de la complejidad que implica el abordaje del género, la sexualidad y el cuerpo, desde diferentes áreas del conocimiento, en las cuales estas categorías son fundamentales para perfilar su objeto de estudio. Para ello, resulta de suma importancia reflexionar sobre las identidades de género tal como las conocemos en los contextos hispanoamericanos en el marco de la postmodernidad y la globalización.

Un tema que se suscita de gran actualidad y urgencia es el que tiene que ver con los imaginarios y representaciones sobre el sexo, el género, el cuerpo y la sexualidad en relación con el mercado capitalista: el cuerpo como mercancía, el sexo como servicio que se paga muy bien a nivel internacional, las mujeres como objetos-mercancías-bienes de uso y bienes simbólicos en la economía masculina, incluida la del narcotráfico. Existe toda una problemática detrás de las redes de prostitución, la trata de personas, la pornografía, incluida la infantil, vinculados muy estrechamente con los imaginarios que culturalmente se han construido alrededor del cuerpo sexuado con base en un reduccionismo biológico que deja lo femenino como inferior y como objeto, no como sujeto. Los imaginarios sobre el género, el cuerpo y el sexo hacen que el mercado clandestino de redes de prostitución internacional sea cada vez más próspero y el mundo más inseguro sobre todo para las mujeres, pues son vendidas como

objetos de satisfacción sexual en condiciones de esclavitud. Sin embargo, el entronque de este tema con las políticas públicas, la industria y el mercado del sexo ha generado un complejo entramado de relaciones que producen imaginarios y representaciones en torno al género, el cuerpo y la sexualidad, poniendo en primer plano la subjetivación.

Otra pregunta que compete resolver al GT es ¿cuál es el imaginario y la representación acerca del sexo, la homosexualidad y la discapacidad? Analizar la homosexualidad desde los imaginarios y las representaciones implica encontrar una respuesta crítica a los discursos científicos respecto a la diferencia sexual y el desmantelamiento de la heterosexualidad normativa. También implica identificar los imaginarios que han suscitado la religión y cómo la gente lo resuelve en la cotidianidad en términos de la vivencia o la aceptación. De esta manera, existen dos espacios en los que predominan estigmatizaciones arraigadas: por un lado, toda una historia de patologización y desviación y, por otro, los movimientos sociales que luchan por transformar el imaginario de personas pecadoras, defectuosas y desviadas, en sujetos ciudadanos. El abordaje con una mirada crítica sobre los cuerpos y sexualidades, no normativos, permite entender conceptos como interseccionalidad, capacitismo (discriminación de la discapacidad física o mental) o edadismo (discriminación hacia la gente de edad mayor) en las cuales la discriminación se torna estructural.

Una cuestión más a responder es acerca de ¿cuáles son los imaginarios y las representaciones cuando la reproducción no está vinculada a la sexualidad? Las técnicas de

reproducción asistida han revolucionado las concepciones históricas sobre la sexualidad, el cuerpo femenino, la preñez, la paternidad y la maternidad, así como el entendimiento de la libertad reproductiva. No cabe duda que es urgente e interesante tema de tesis e investigación para conocer qué piensan hombres, mujeres, homosexuales y transgénero sobre la maternidad y paternidad asistida, junto con los conflictos legales, biológicos y sociales y las nuevas formas de construir familias que esto conlleva. Otras preguntas pueden ser: ¿Qué piensa la gente sobre la adopción de hijos por parejas del mismo sexo?, ¿cuál es el imaginario y la representación social del matrimonio por parte de contrayentes del mismo sexo? Sin duda, el debate ya tiene un lugar en todas las sociedades y culturas. Interesa saber si el imaginario o representación se encuentra a favor o en contra para ubicar qué tanto ha evolucionado la forma de pensar de hombres, mujeres y diversidad; pues esto arroja tendencias de cambio cultural que exigirán cambios constitucionales, de seguridad social, políticas públicas y otras formas de organización social y familiar. En este sentido, ¿qué es y qué implica la categoría género para las nuevas formas de construcción de la familia?, ¿cuáles son las promesas y cuáles son los retos para una agenda "parental" con tendencia progresista? Las respuestas a estas preguntas podrían estar en el análisis crítico al racismo y al clasismo. Quizá una manera de vislumbrar respuestas sea disociar la diversidad familiar del imaginario que de "libertad" circula en ciertas sociedades y vincularlo a una concepción politizada del sexo.

De otro lado, cabe la pregunta acerca de los imaginarios y representaciones sobre intersexualidad. ¿Qué es intersexualidad?, ¿sabe la gente qué es intersexualidad?, ¿qué piensa la gente sobre la intersexualidad?, ¿qué nos permite aproximarnos al tema?, ¿qué preguntas nos plantea la experiencia intersexual?, ¿cuáles son las demandas del movimiento intersexual?, ¿en dónde y cómo aparece la voz de las personas intersexuales y qué dice? Sin duda, existe un gran desconocimiento de la intersexualidad. La gente imagina que es un diagnóstico o una identidad de pertenencia a un grupo con determinadas características. Encontrar una ruta para entrar al tema es difícil cuando lo que se presenta en primera instancia son imágenes y textos de tratados médicos, en contraposición con el movimiento LGBT que hace aparecer y desaparecer la I de su sintagma a manera de resistencia y rebeldía. Junto con la desmitificación del hermafrodita y la presencia del tema en los medios de comunicación, de una manera equivocada, genera un imaginario estereotipado, violencia simbólica y discriminación. Así, un imaginario de la intersexualidad constituye un movimiento y una posición política producto de una revolución de las ideas y de la forma de hacer política.

Una cuestión más a resolver en el GT también es ¿a qué imaginario o representación hacemos referencia cuando identificamos a ciertos individuos como trans?, ¿cuál es el imaginario o representación que circula acerca de "lo trans"?, ¿qué nos pueden enseñar las experiencias trans?, ¿cómo está siendo abordado lo trans desde la teoría de los imaginarios y representaciones?, ¿qué imaginarios crean los

medios de comunicación con respecto a lo trans? Una aproximación de respuesta es que la representación social de las identidades trans está inmersa y atravesada por diversos discursos que se encuentran en tensión constante con la experiencia que intentan objetivar. Esta configuración puede permitir la problematización y comprensión acerca de ¿cómo nos constituimos en sujetos de género?, ¿cómo se materializan las diferencias de género en nuestras corporalidades? Para dar respuesta a estos interrogantes es necesario problematizar las concepciones, imaginarios y representaciones en torno a las identidades trans, observar cuáles son las dinámicas sociales atravesadas por el género así como los valores subyacentes a éstas y reflexionar sobre la posición que ocupan estos sujetos en la estructura y el sistema social con el fin de abordar la cuestión de la identidad/identificación, la subjetividad y la corporalidad de género, así como para reflexionar en torno al papel que juega la sexualidad en este complejo entramado de discursos, prácticas y experiencias.





Puntos de encuentro: itinerarios de la investigación sobre representaciones e imaginarios en educación y política

Carol Fernanda Ramírez Camargo

Tal como aparece expresado en la página oficial de la RIIR, el Grupo de Trabajo en Educación y Política -GTEP- tuvo como objetivo consolidar un espacio de diálogo académico para el reconocimiento, análisis y visibilización de los imaginarios y las representaciones sociales que se establecen en los ámbitos educativos y políticos, a partir de las relaciones tejidas entre los diferentes grupos sociales. De ahí que se planteara el identificar las relaciones entre educación y política desde el enfoque teórico de los imaginarios y las representaciones, de tal manera que posibilitara la crítica constructiva y la identificación de soluciones pertinentes, desde la educación, en contextos de crisis y coyuntura política.

De esta manera, el GTEP durante su ejercicio como grupo unificado apostó por la consolidación de propuestas investigativas interdisciplinarias que aportaran a la comprensión de la educación y la política en su complejidad simbólica, con el fin de reconocer y modificar los imaginarios y representaciones sociales desde los discursos (políticos, sistémicos, curriculares pedagógicos, de comunicación política), que a su vez contribuyeran a la construcción de culturas de paz y de formación de sujetos políticos. Bajo estas banderas, se abrió la mesa de trabajo

en Educación y Política, en el II Workshop sobre Imaginarios y Representaciones realizado en la ciudad de Concepción (Chile) en el mes de octubre de 2018.

La mesa de trabajo contó con una amplia participación de educadores e investigadores de México, Bolivia, Ecuador, Perú, Chile, Argentina y Colombia con 23 ponencias en tres días de encuentro. Temáticas tales como prácticas pedagógicas y quehacer docente, convivencia escolar, inclusión y currículo, fueron los ejes centrales de las discusiones en torno a la educación media y universitaria. Por su parte, los conflictos sociales, políticos y bélicos, así como la cultura política, fueron los ejes en las discusiones centradas en la política y lo político. Todos bajo la mirada de los imaginarios y las representaciones.

Desde teorías sobre representaciones sociales, se presentaron trabajos orientados a la comprensión de las representaciones de la escuela, construidas por los niños, niñas y jóvenes que han desertado temporal o definitivamente del sistema educativo y la relación de dichas representaciones con su decisión de continuar o no en el sistema educativo, esto a partir de categorías como la información, las creencias, los significados, las actitudes y las prácticas dentro del escenario educativo. Delineando desde allí cuatro concepciones sobre la escuela: lugar donde se enseña y se aprende; posibilidad de ascenso en la escala social; espacio lúdico y la escuela como autoritaria (Restrepo y otros, 2018).

Al respecto, otra investigación socializada en la mesa, buscó plantear la concepción de la escuela como dispositivo:

El carácter de espacio a la deriva que hoy detenta la escuela, en un mar de transformaciones que apuntan más a la forma que al fondo, han convertido a la educación en un panóptico, y han instalado a la sociedad en el lugar de un observador de tercer orden, generando como consecuencia, una escuela cercada, desprovista de la más mínima capacidad verse a sí misma, para reordenarse y responder a las nuevas necesidades y transformaciones sociales (Villagra, 2018).

Otros trabajos orientados hacia las representaciones sociales se centraron en las prácticas docentes, especialmente en la didáctica, con el fin de identificar ambientes lúdicos que se encaminan a motivar a todos los estudiantes, en la construcción y desarrollo de su motricidad (Guarnizo, 2018); así como plantear acercamientos a la formación inicial del docente, para tener una mirada del rol del profesor. Esto desde la construcción de las representaciones de las prácticas pedagógicas a través de material discursivo producido en forma espontánea desde los grupos focales y entrevistas a profundidad (Tabares, 2018).

Las representaciones sociales de la igualdad como centro y tema de interés, fue abordado por un grupo de investigadores de la Universidad Laica Eloy Alfaro de Manabí, que en su trabajo describen la adecuación metodológica, curricular y recursiva que experimenta la universidad en dos de los cuatro ejes de igualdad: discapacidad; mujeres y género.

Desde la investigación biográfico - narrativa, recoge la construcción y deconstrucción de los imaginarios de los docentes ante el reto de la inclusión y la forma en que

institucionalmente se han superado estas representaciones en los ambientes de aprendizaje, de recreación y participación que desarrolla la institución de educación superior para la formación profesional desde currículos flexibilizados y adaptados a las capacidades del sujeto que aprende, así como a la demanda del entorno laboral (Fernández, Mendoza y Bergmann, 2018).

En el campo de los imaginarios sociales, se presentó un estudio que buscaba indagar por los imaginarios contruidos por un grupo de docentes acerca del proceso de implementación de la ley SEP (Subvención Escolar Preferencial)⁴, en el liceo municipal Gabriela Mistral (Chile). Entre las conclusiones más relevantes, se evidencia la importancia que adquiere, desde la práctica docente, el aspecto económico, como elemento transversal a las dimensiones abordadas por el estudio (Pérez, 2018).

Un tema que sigue siendo recurrente en las investigaciones educativas y sobre educación, es el de la violencia escolar. A propósito, una las ponencias centró su interés por “conocer qué imaginarios existen en la escuela entendida su tarea como acción social (Weber, 1996) bajo la práctica reflexiva del profesional docente (Schön, 1992), como dinamizador del proceso enseñanza-aprendizaje en convivencia escolar en la construcción de imaginarios (Pintos, 1995)” (González, 2018).

La violencia escolar irrumpe en la vida cotidiana y se convierte en un problema social. No es, entonces, un asunto que corresponda de manera exclusiva a la escuela, más bien,

⁴ Ley que hace parte de la Política Educativa del Ministerio de Educación de Chile.

involucra a distintos actores y entidades sociales. En muchos casos, estas violencias devienen o son generadas por otras violencias y conflictos más allá de la escuela. En ese contexto, surgen investigaciones que buscan comprender el impacto de conflictos sociales en escenarios educativos. Una de las investigaciones presentadas, por ejemplo, busca reconocer los imaginarios de los docentes acerca de la educación rural en zonas de conflicto armado en Colombia, bajo una premisa inicial, dichos imaginarios son movilizadores de migraciones internas en el país a causa de la violencia y bajo la idea de “desarrollo y bienestar” que ofrecen las ciudades (Ramírez, 2018).

El fin de uno de los conflictos armados en Colombia ha representado uno de los campos actuales de investigación más importantes por las posibilidades que tanto en la educación, como en la política, tiene el tema del pos-acuerdo. En la mesa de trabajo se abordaron cuatro investigaciones sobre este tema en relación con la educación, la memoria, el perdón y el miedo. Uno de los textos se pregunta sobre qué tan preparados están los colombianos para afrontar los retos del pos-acuerdo, entre ellos la posibilidad del perdón y plantea el siguiente interrogante: ¿cómo representan el perdón las víctimas del conflicto armado en Colombia? Pregunta que se aborda desde los trabajos y reflexiones de Ricoeur, Hanna Arendt, y Derrida, Miranda (para el tema del perdón); y como base la teoría de las representaciones sociales en su enfoque procesual, Moscovici, Jodelet, Banachs (Urbina, 2018).

Así como la presencia de investigadores colombianos y ecuatorianos en la mesa fue amplia, también lo fue la de investigadores mexicanos, quienes presentaron avances

investigativos en una de las esferas de lo político qué más han resentido en México en los últimos años, por la violencia en aumento contra las mujeres: género. Al respecto, los investigadores plantean:

[...] En la actualidad la violencia de género es un elemento inconcuso en la sociedad mexicana, aunque este fenómeno debe ser entendido desde una perspectiva amplia donde se reconozcan tanto los imaginarios como las representaciones que giran en torno al problema, debido a que, por una parte se habla de amenazas reales, pero también se construye un escenario apoyado en las fantasías de los actores sociales que amalgaman historias con apoyo en rumores (Coutiño, Ballén y Serrano, 2018).

Otro grupo de investigadores de México orientó sus inquietudes a problemas sociales como la violencia generalizada y la delincuencia en México. El interés, según una de las investigadoras, está orientado al análisis y evaluación, que en el ámbito de la seguridad ciudadana, se ha trabajado a partir de diversas reformas.

Justo cuando el problema eclosionó debido a la declaración de guerra contra el narcotráfico que realizó el entonces Pte. Felipe Calderón; la inseguridad, como grave problema social se fue profundizando hasta alcanzar ámbitos que antaño eran apacibles y de hecho, limita el pleno cumplimiento de los derechos humanos, de ahí la importancia que ha cobrado como objeto de estudio de diversas disciplinas (Coutiño, Hernández y Serrano, 2018).

El trabajo de la investigadora María Lily Maric, buscó demostrar el rol de las representaciones sociales como guías de las transformaciones sociales, y consolida, sin que fuera su objetivo, varias de las discusiones planteadas por los distintos grupos de investigadores que socializaron sus proyectos durante los tres días. Maric (2018) pone énfasis en la importancia de la práctica de los actores locales y nacionales, demostrando que

[...] el hecho de actuar globalmente puede ser de utilidad para promover cambios que los favorezcan y recalcando al mismo tiempo en la urgente necesidad de evaluar críticamente las representaciones implícitas en la propuesta de los actores globales, por cuanto la apropiación acrítica de estos puede ser fuente de frustraciones o tener efectos perversos en proyectos de transformaciones locales o nacionales (Maric, 2018).

Como se evidencia, los temas y desarrollos investigativos en el grupo son amplios y prolijos, pero con bastantes lugares y puntos de encuentro entre los países de la región. Hay un interés creciente por realizar procesos investigativos que involucren grupos de distintos países, en busca de compresiones conjuntas que posibiliten, también, construcciones conjuntas, y la Red es, sin lugar a dudas, el mejor escenario para estos encuentros y enlaces. No obstante, como equipo de trabajo, reconocemos la diversidad de temas y el distanciamiento necesario de algunos de ellos. Como parte de los procesos de reflexión se tomó la decisión de abrir dos Grupos de Trabajo con sus propias apuestas y definiciones, que no dejarán de pensarse en las confluencias, más posibilitarán concentrar sus expectativas. Agradecemos a

quienes hicieron parte de este proceso, y los invitamos a inscribirse en el GT de Educación y GT de Política, según sea su interés.



IMAGINACIÓN O BARBARIE

Reseñas

- ✓ **Resenha de Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand de Danielle Perin Rocha Pitta** 66-69

Javier Diz Casal e Borxa Colmenero Ferreiro

- ✓ **Ciudades en construcción. Reseña del libro "Imaginarios Urbanos" de Armando Silva** 70-82

Elizabeth Ballén Guachetá y Luis Enrique Pérez Méndez

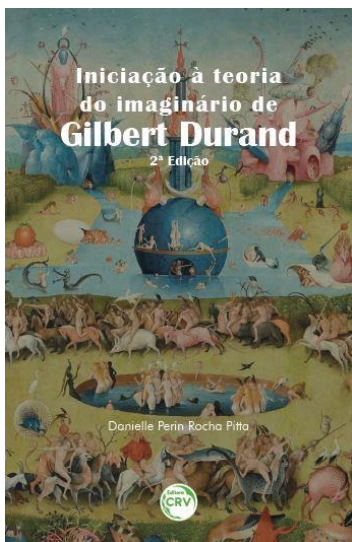
- ✓ **Hacer mundo. Significaciones imaginario-sociales para construir sociedad, de Manuel Antonio Baeza** 83-90

Andrea Marina D'Atri

Resenha de Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand de Danielle Perin Rocha Pitta

Edite e distribua EDITORA CRV, Número da edição:2, Ano de edição: 2017

Javier Diz Casal e Borxa Colmenero Ferreiro



Neste livro Danielle quis fornecer uma leitura relativamente simples e acessível do trabalho estruturalista figurativo de Gilbert Durand. A autora tem procurado “apresentar uma síntese da sua proposta em uma linguagem acessível a pessoas sem formação especial sobre o assunto”. Nele debruça-se sobre noções que apoiam o pensamento e o trabalho de Durand. Também fala, aliás, de muitas outras pessoas de importância no campo de estudo do imaginário, tais como Gaston Bachelard, Mircea Eliade, Henry Corbin ou Carl Gustav Jung, para valorizar a metodologia (proposta por Durand, isto é, o seu sistema para interpretar a cultura antropologicamente) e uma hermenêutica fenomenológica. Outros autores, destacadamente, Cassirer também contribuíram desde a sua antropologia, à conformação de um substrato teórico do qual Durand se nutriu. Gilbert Durand tinha feito grandes esforços para se afastar das concepções mais comuns e clássicas da imaginação como “mestra do erro e da falsidade”¹, de acordo com ele, “o pensamento ocidental, e especialmente a filosofia francesa, tem por tradição constante desvalorizar ontologicamente a imagem e

psicologicamente a imaginação”² Este caráter pro-imaginário é o escolhido pela autora neste trabalho, contudo, isto não seja tampouco algo especificamente francês.

Assinala Danielle, “o homem está exercendo uma faculdade que lhe é própria, que é a de dar sentido ao mundo, ao universo.” É a imaginação, uma das maiores habilidades cognitivas dos seres humanos que usamos “para criar sentido.” A autora explica a razão da triada símbolo-simbólico-imaginário, em que Durand se baseia ao afirmar: “o valor de uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária”. É a “essência do espírito” e o “impulso oriundo do ser” como também “a raiz de tudo aquilo que, para o ser humano, existe.” A autora também concorda que uma das posições mais frutíferas de Durand foi desconsiderar as interpretações prevaletentes da época sobre o simbólico, tais como as do estruturalismo e conceder um valor ontológico ao próprio imaginário.

Danielle aborda com simplicidade a terminologia utilizada por Durand, necessária para uma abordagem de sua teoria. Desta maneira, os seus conceitos: *scheme*, arquétipo, símbolo ou mito são trilhados pela autora para posteriormente realizar uma exposição sobre a formação da imaginação das culturas, sendo o conceito de “polarização” particularmente importante, tornando uma espécie de coordenadas cartesianas em que se desloca mais para um lugar que para outros, isto é, a sua trajetória antropológica. Produz-se uma formação de constelações de imagens em torno de um núcleo que Durand taxonomiza por meio de dois regimes: diurno e noturno. Explica Danielle, “existe uma estreita concomitância entre os

gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas", trata-se de uma convergência de símbolos por isomorfismo do agrupamento de núcleos formados por eles.

Danielle nos convida, através da leitura da sua obra, para abordar a classificação de regimes de imagens e estruturas do imaginário de uma forma acessível, um dos três grandes temas que Durand propôs para os símbolos: *teriomórficos*, *nictomórficos*, *catamórfico*, bem como os símbolos atribuídos ao regime diurno e noturno.

A imaginação simbólica tem, segundo Durand, como aponta Danielle, uma funcionalidade de importância inestimável em referência ao significado que ela traz. Ela fornece todos os sentidos e permite transcender em direção ao poiético na finalidade de se desligar para outros planos existenciais.

Na segunda parte desta interessante ferramenta de aprendizagem, Danielle realiza, como foi anteriormente observado, um percurso ao redor de "os pais fundadores da noção de imaginário", associa, com uma clareza incomum na matéria, os métodos propostos por eles e as tipologias, leis e conceitos que estruturam, formando um espaço compartilhado: o impulso do imaginário que chega até nossos dias graças à Danielle Perin Rocha Pitta, uma eminência pelo mérito do seu trabalho e o seu compromisso de continuar ressignificando o imaginário em direção a altos níveis de importância dentro das ciências sociais e do desenvolvimento epistemológico humano.

Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand é, sem dúvida, uma obra de nosso tempo na medida em que ela permite

conectar com outros tempos, outros épocas e outros pensamentos. Não é apenas uma leitura recomendada para qualquer pessoa estudiosa do imaginário, mas é essencial pelo conhecimento que ela amplia, qualitativamente, do haver epistemológico sobre o imaginário.

Resenha

1. Durand, G. (1979), *Las estructuras antropológicas de lo imaginario*. Madrid, Taurus. p. 17 [tradução própria]
2. Ibidem.

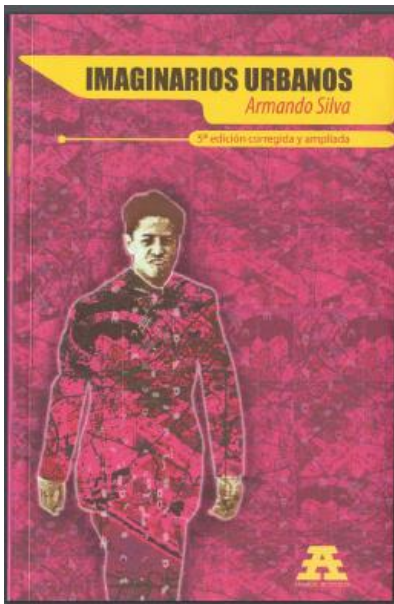


Ciudades en construcción

Reseña del libro "Imaginarios Urbanos", de Silva, Armando (2006)
5ª Ed. Arango Editores. Colombia.

Elizabeth Ballén Guachetá¹

Luis Enrique Pérez Méndez²



Armando Silva Téllez es filósofo y semiólogo colombiano con Post Doctorado en Teoría Crítica y Doctorado de Filosofía en Literatura Comparada, por la Universidad de Irvine, California; bajo la dirección de Jacques Derrida. Hizo estudios doctorales en Psicoanálisis y Semiótica en la École des Hautes Études en Sciences Sociales de París. Estudió la Maestría en Filosofía y Estética en la Universidad de la Sapienza, Roma. Cursó una especialización en Literatura y Lingüística en la Universidad Complutense de Madrid. Realizó dos carreras de pregrado: Filosofía y Letras en la Universidad Nacional de Colombia y Ciencias Sociales y Políticas en la Universidad Externado de Colombia. Actualmente, se desempeña como Director del Doctorado en

¹ Profesora-investigadora de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México. Miembra del Sistema Nacional de Investigadores de Conacyt: "Tuve el privilegio de conocer a Armando Silva en la Universidad Nacional de Colombia cuando él se hizo famoso con sus estudios sobre el *graffiti* como expresión del arte urbano, yo era periodista de Unimedios, encargada de entrevistar a los investigadores de la universidad y divulgar sus trabajos a través de la radio y la prensa institucionales en los años noventa. Él era fuente de información de primera mano como Director del Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO) de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colombia".

² Estudiante de la Maestría en Ciencias Políticas de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla.

Estudios Sociales en la Universidad Externado de Colombia. Durante muchos años trabajó en la Universidad Nacional de Colombia como director del Instituto de Estudios de Comunicación y Cultura (IECO), junto con otros cargos académicos y directivos. Entre 1988 y 1991 mantuvo la columna "Ciudad imaginada", en el diario El Tiempo de Colombia, en la cual describía de manera exquisita la relación ciudad-comunicación-sujeto.

Silva ha sido condecorado por la UNESCO, el Convenio Andrés Bello, la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), la Universidad de Manchester en Reino Unido; Universidad de Andalucía en España; Universidad de Buenos Aires en Argentina, la UNAM de México y la Universidad de Sao Paulo en Brasil, entre otras entidades académicas, civiles y gubernamentales.

La obra de Silva, y su gran aporte al conocimiento científico, se basa en su dedicación a observar y escuchar el palpitar urbano, el lenguaje ciudadano y a analizar los imaginarios y representaciones sociales que los habitantes de las urbes construyen, en su diaria interacción, a través de los espacios históricos, modernos y posmodernos de las ciudades latinoamericanas. De manera que, con su amplia y reconocida experiencia académica, creó la teoría de los imaginarios urbanos y la metodología de comunicación urbana, de corte cuantitativo pues emplea datos estadísticos, que analiza a la luz de la imagen análoga y digital, con el objeto de conocer modos de vida urbana en los cuales emergen personalidades colectivas.

El libro de Silva, *Imaginarios urbanos*, ha experimentado cinco ediciones, en las cuales afirma que el marco teórico de los imaginarios ha dado un paso abismal del enfoque de la comunicación citadina hasta la connotación para análisis de expresiones globales. En ese sentido, el contexto de las ciudades ha cambiado pues ya no se limita únicamente a un anclaje material sino que, ahora, los ideales de urbe, urbanización y lo urbano emergen de la esfera cultural.

En un ejercicio de análisis si alguien emprende una búsqueda sobre servicios, comercios, marcas, dispositivos electrónicos que coexisten en distintos espacios, se observará que los ideales de modernización se insertan fácilmente en poblaciones que no han cambiado demasiado. Por ejemplo: si se visita cabeceras municipales, a lo largo de México, se encontrará que todos estos elementos están presentes en la cotidianidad de los sujetos, desde su percepción hasta el espacio donde vive.

Imaginarios urbanos se divide en dos partes. La primera: De la ciudad vista a la ciudad imaginada, constituida por subtítulos como ciudad vista: imágenes de ciudad; la ciudad marcada: los territorios urbanos; la ciudad imaginada: imaginarios urbanos y finalmente, estética urbana. La segunda parte, De las imaginaciones urbanas a la ciudad vivida, divide por apuntes metodológicos, fantasmagoría urbana en Bogotá, fantasmagoría urbana en São Paulo. Finalmente, presenta apéndices que profundizan en el corpus teórico.

"*Imaginarios urbanos*" hace parte de una investigación que consistió en aplicar la misma metodología en todas las

capitales de sur américa, junto con Panamá y Ciudad de México y por Europa, Barcelona, 14 ciudades en total. Silva se propuso indagar acerca de lo que resulta ser común a todas las regiones culturales que componen el continente. Buscó aquello familiar y lo que hace a las personas geográficamente diferentes. El resultado: un patrimonio cultural común a nivel de la latinoamericanidad, debido al vínculo colonial con España. La pregunta de investigación fue entonces: ¿qué significó ser urbanos en los últimos años, del milenio pasado, en las grandes ciudades del continente?

Silva ubicó coordinadores en cada ciudad para que realizaran la investigación en cuatro fases: Una estadística con aplicación de encuestas que permitía crear croquis urbanos definidos de acuerdo con temas específicos de los espacios en relación con los sentimientos de los ciudadanos; por ejemplo: miedo, terror, amor, sexo, muerte, paisajes, calles de mujeres o de hombres, entre otros. Dos, se hizo una construcción visual -fotografía y video- de imágenes emblemáticas de la ciudad. Tres, recopilación de imágenes de ciudad de medios de comunicación convencionales. Cuatro, selección de imágenes iconográficas oficiales de la ciudad, que generan identidad en referencia a otras capitales, pues hacen parte de la percepción pública acerca de la vida y arqueología urbanas.

De este modo, la investigación sobre imaginarios urbanos ha permitido comprender la región latinoamericana, desde un enfoque imaginario que confronta con humor y rebeldía el poder de las élites gobernantes, las acciones de los grupos subversivos, los mecanismos de control del Estado, los

movimientos de mujeres y su discurso de la resistencia, entre otros aspectos. Por ejemplo, el movimiento de las madres de mayo enfrentando a la dictadura militar que desaparecía personas, ellas con pañuelos blancos evocaban a sus hijos desaparecidos; las madres caraqueñas con el cacerolazo para sacar al presidente corrupto y las manifestaciones pacíficas de las madres de los soldados secuestrados por la guerrilla en Colombia; todo lo cual representaba una movilización por las calles de las capitales en señal de protesta y resistencia, clamando justicia. Sin duda, la investigación dirigida por Silva da cuenta del aumento, en el continente, de movimientos urbanos que se expresan a través del arte y que adquieren una identidad particular por lo que hacen o por pertenecer a determinados grupos. Estos movimientos proclaman el derecho a ser ciudadanos y buscan diferentes maneras de significarse como ciudadanos. Conclusión: La fantasía de los habitantes construye la ciudad imaginada; por eso inventan gobernantes ingeniosos.

También hay diferencias antagónicas que permiten hablar de un doble paradigma imaginario y que tiene que ver con las ciudades donde vivió Silva. Un primer paradigma es el de las ciudades norte, representado por Irvine, ubicada al sur de California, perfecta, sin conflictos, ni pobres ni desorden; mientras que, las del segundo paradigma, son completamente opuestas: caos, sin cultura urbana, tumultuosas, hormigueros humanos donde reina la economía informal y las contaminaciones auditiva y visual por el ruido del tráfico y las paredes pintadas con grafitis. Sin embargo, su gente llena los espacios con anhelos y esperanzas ingenuas e

imposibles. Silva se refiere a estos paradigmas como dos utopías nuevas de ciudad: al primer modelo lo llama de "pos-ciudades"; es decir, cuando el espacio urbano ha superado el caos, "el relajo" y, al segundo, lo designa "transciudad"; o sea, aquella que se encuentra transitada por "el relajo".

Al ser el cambio de siglo el momento en el cual se llevaba a cabo la investigación, la pregunta de Silva era ¿qué es ser urbano en nuestras sociedades de América latina? Para responder esta pregunta, el investigador comienza por definir la ciudad como "escenario del lenguaje, de evocaciones y sueños, de imágenes, de variadas escrituras (...)" (p. 12), es el mundo de una imagen en continua construcción. La ciudad como objeto de estudio es el lugar del acontecimiento cultural y el escenario de un efecto imaginario que conduce a la construcción de una mentalidad urbana, la cual emerge conforme la vida moderna marca el ritmo, en un tiempo, con unas imágenes, con una tecnología, en un espacio no sólo real sino simulado porque se nutre de una clase de ficción cotidiana: las vallas, la publicidad, los grafitis, los avisos callejeros, los publick, los pictogramas, los cartelones de cine y otras tantas fantasmagorías. De manera que, ver, oler, oír, pasear, detenerse, recordar, representar, son atributos que deben ser estudiados en cada ciudad" (p. 14). Al respecto, existen representaciones colectivas propias de la distribución geométrica de la ciudad, de la construcción física del espacio, del color urbano, de símbolos vernáculos, de puntos de vista, modos de vivir y narrar la ciudad nocturna. De modo que así nacen los imaginarios urbanos de América Latina, para saber y

comprender qué nos hace seres urbanos de este continente (P. 16).

Así, según el autor, las imágenes de la ciudad caracterizan el tipo de ciudad que se investiga y muestra cómo lo popular trajo consigo formas de expresión obscenas que transgredían lo institucionalizado como es el caso del graffiti, un registro visual que permite interpretar el espacio desde el punto de vista. Este se entiende como una serie de estrategias discursivas por medio de las cuales se narran las historias de la ciudad, representadas por imágenes visuales. Generalmente tiene dos sentidos: el primero, creado por la imagen misma y, el segundo, es la creación social del sentido. Para conocer el punto de vista ciudadano, destinatario de la imagen, se emplearon encuestas en la investigación.

"El punto de vista es narrativa de fuerte arraigo cultural en cada geografía urbana. La suma imaginable de los puntos de vista, de los habitantes de una ciudad, integra la lectura simbólica que se hace de la misma. En consecuencia, corresponde a su representación y a las distintas estrategias narrativas. Cuando tales puntos de vista se pueden proyectar por grupos sociales, u otras marcas demográficas (género, edad, nivel educativo, estrato socio-económico), vamos a concebir formas imperantes de percepción ciudadana" (p. 24).

El "punto de vista" conlleva tres pasos:

- Objeto de exhibición: cualquier imagen observada por el ciudadano.
- Observación del ciudadano: Encuadre como fotografía.
- Consecuencias de la mirada. Es ideológica, dirigida a la ciudadanía. Implica un recorrido ético- estético.

Lo que cualifica el punto de vista urbano es su exposición pública. Silva en este sentido aporta una definición sociolectal en la cual "la ciudad es vista por sus ciudadanos, pero también los ciudadanos son recibidos e inscritos por su misma ciudad como ejercicio de escritura y jeroglífico urbano" (p. 26). Conclusión: el punto de vista marca tanto una noción espacial, aquello que "reconozco porque veo", pero también marca una noción narrativa: "esto que cuento es porque reconozco o sé". El punto de vista entonces tiene una operación de mediación.

Otro aspecto estudiado por Silva para responder a la pregunta ¿qué significa ser ciudadano en América Latina? Son las marcas y el territorio y tiene que ver con la expresión simbólica que subyace en relación con el suelo habitado. Aquí resulta muy interesante hacer el análisis de la manera como exhibe su territorio el llamado Tercer Mundo y el otro mundo llamado desarrollado. "El Tercer Mundo expone un espacio llamado patria, para el resto del mundo, de una manera que le es propia porque lo requiere como un acto colectivo de afirmación" (p. 28). El territorio diferencial es un espacio vivido, marcado y reconocido en su variada y rica simbología; por eso, es representado como mapa o croquis con sus respectivos límites. El territorio excluye al extranjero; por

ejemplo, en el conflicto colombo-venezolano o el de Estados Unidos-México, los países comparten fronteras y refuerzan su visión física e ideológica de mapa, lo cual conlleva una drástica demarcación de límites e implica construir un muro.

En Ciudad marcada: los territorios urbanos Silva aporta las categorías de indagación comunicacional del territorio: un espacio vivido, marcado y reconocido; un primer mecanismo para la construcción de límites y de bordes de lo urbano.

En De la ciudad vista a la ciudad imaginada. Tatuajes urbanos como registro visual: del graffiti al icono publicitario, Silva define el graffiti con las siguientes características: marginalidad, anonimato, espontaneidad, escenicidad, precariedad, velocidad y fugacidad. Nació como un "movimiento" plástico coyuntural con razones sociales, políticas, y contra ideológicas, que coincidían en un punto en común: separar la escritura-graffiti de las expresiones panfletarias para presentarlo como un medio de comunicación más formal. De esta manera, se configura como el resultado estético de subvertir un orden social, cultural, lingüístico o moral, prohibido, obsceno; es decir, está ideado para decir lo no permitido e instaura nuevas formas de respuesta ciudadana.

En la Ciudad imaginada: imaginarios urbanos Silva encuentra que la construcción simbólica de la ciudad es resultado de un juego de sentidos. Sin duda, la percepción imaginaria corresponde a un nivel psíquico profundo que no evade el dato empírico. Es decir, es el resultado de un registro visual al cual los puntos de vista imprimen sentido.

De este modo, Silva introduce las Instancias de los imaginarios a saber: Inscripción psíquica; posibilidad de una técnica para la representación colectiva; imaginarios como construcción social de la realidad.

Los fantasmas urbanos que tiene sus orígenes en el rumor y el chisme: se construye el fantasma como un sentido oculto que reactiva ciertos comportamientos indescifrables unidos a fantasías, delirios o neurosis de los seres humanos. Lo imaginario, la mentira, el secreto, el rumor y la fantasmagoría conducen entonces a la imaginación simbólica propiamente dicha, cuando el significado no se podrá presentar con una cosa específica. En cuanto tal, una palabra exacta o una descripción única, y lo que se presenta es más que una cosa, un sentido o muchos que pueden abarcar la expresión simbólica". Conclusión: el sujeto de la ciudad está en proceso, es decir, es virtual ya que la ciudad está en permanente construcción.

En otro apartado De las imaginaciones urbanas a la ciudad vivida se reflexiona acerca de cómo los ciudadanos imaginan su propia ciudad, para lo cual se buscan las estrategias representativas de una colectividad urbana. Esta exploración identifica dos procesos: la evocación y el uso, dos ejes cómo los ciudadanos usan, recuerdan y conocen su ciudad. Viene entonces otra pregunta de investigación: ¿cómo imaginan los ciudadanos su propia ciudad? Para esto se aplicaron encuestas en Bogotá y Sao Paulo para analizar las estrategias representativas de una colectividad urbana. Silva indagó con preguntas-conversación acerca del color, el olor, las calles de las mujeres y de los hombres, los lugares que

dan miedo por la inseguridad, denominadas zonas rojas; los croquis y símbolos donde se ponen citas los habitantes de estas dos ciudades estudiadas.

Paralelamente, analizó la publicidad porque esta hace estudios de mercado estadísticos acerca de los gustos y el consumo de los ciudadanos. Sin embargo, no tomó como punto central de análisis el consumo sino los gustos sociales, aquello que le gusta a las personas según su edad, su género, su nivel educativo, su nivel de ingresos; pero, además, resultó relevante para identificar las fantasías impresas en los anuncios y los deseos individuales más no colectivos. De manera que la publicidad fue vista no como algo mercadológico sino como un fenómeno simbólico que visibiliza la subjetividad de los ciudadanos.

Para interpretar la información empírica obtenida en la investigación, Silva retoma a Durand en su célebre *Imaginación simbólica* (1968). Se llega a ésta cuando el significado no está vinculado con una cosa específica, una palabra exacta o una descripción única; lo que hay en realidad es uno o muchos sentidos. Del mismo modo, cita a Ricoeur (1970) para ratificar que las expresiones de doble o múltiple sentido hacen un símbolo y éste llama a ser interpretado. Además, E. Cassirer empleó el término *pregnancia simbólica* para referirse a una conciencia humana para la que nada sea simplemente presentado, sino representado; es decir, las cosas existen dependiendo de las figuras que les da el pensamiento, lo que las hace símbolos, pues van a tener "la coherencia de la percepción, de la conceptualización, del juicio, del razonamiento, mediante el

sentido que las impregna" como concluiría Durand. Los sentidos simbólicos quedan abiertos a nuevas posibilidades de significación de acuerdo con la dinámica social.

Pasando del símbolo al imaginario, este contiene el sentido de "la invención de algo". Castoriadis (1982) explica la fusión entre lo imaginario y la realidad con el ejemplo de Dios, un imaginario religioso que responde a las necesidades sociales. Así, lo imaginario influye en la simbolización que de la realidad hacen las personas y esto transversaliza toda la vida en sociedad.

Silva cierra su texto con tres apéndices que tienen que ver con la antropología corporal y los micro-procesos imaginarios; posciudades: entre el Disney California y el circo bogotano. Imaginarios norte: la ciudad-corporación, tiempo presente, la ciudad real; la ciudad como las formas del arte; lo público, lo global y nuevas metáforas visuales. Sus notas finales contribuyen a aclarar conceptos, categorías de análisis y la vigilancia epistemológica que rigió su ser ciudadano a la hora de convertirse en investigador que vive su propia ciudad.

Finalmente, esta obra coincide y crea imbricaciones con otras comprensiones que han hecho investigadores de lo urbano, como es el caso de Saskia Sassen (2007) quien afirma que las ciudades son espacios donde surgen nuevas fronteras, se rompe con discursos tradicionales, y se asientan reglas para encajar mundos diversos. Silva propone igualmente a la ciudad como un dispositivo de aprensión de la realidad, tanto

del espacio como de quien lo habita, sin duda alguna un complejo sistema social de relaciones y significaciones.

Referencia

Sassen, Saskia (2007) Una sociología de la globalización. Katz. Buenos Aires.



Hacer mundo. Significaciones imaginario- sociales para construir sociedad / Manuel Antonio Baeza

Santiago: RIL Editores, 2015, 306 páginas.

Andrea Marina D'Atri*



Como llaves que abren puertas, Hacer mundo. Significaciones imaginario-sociales para construir sociedad propone a quien entra en su lectura, un camino no lineal al modo como Cortázar regalaba Rayuela según posibles recorridos ácratas.

Su autor, Manuel Antonio Baeza, sociólogo chileno y doctor de La Sorbone Nouvelle (Paris III), experto en imaginarios sociales, docente e investigador con sede en la

Universidad de Concepción (Chile), lanza en esta obra su lúcida botella al inmenso mar de la sociología profunda. Sienta el deseo de escribir y entregar textos que indicien un pensamiento socioantropológico y lo hace en clave filosófica, porque, aunque desmenuce capítulo a capítulo aquellas posibles respuestas a preguntas sociales y humanísticas históricas -el ser, el conocer, la verdad, el devenir, y un extenso etcétera, sus reflexiones exponen un sentido holístico de comprensión de la Realidad Social o, en sentido estricto, de "realidades sociales" (p. 145).

¿Pero cuáles son esos pensamientos baezianos, si se nos permite la adjetivación del autor?, y ¿qué llaves utilizar para entrar a Hacer Mundo y, por ende, al mundo social que nos cuenta el sociólogo?

Junto a una presentación e introducción generales, el libro se constituye a través de tres partes que integran dieciséis capítulos y un epílogo. La estructura tripartita se compone según los siguientes títulos: Acerca de la teoría del conocimiento. Algunos temas de fondo; Imaginarios sociales y sociedad; y Haciendo mundo: imaginarios sociales en acción.

Al comienzo, Baeza manifiesta su deseo de “pensar que la escritura de un libro sociológico pudiese abrir, por ejemplo, este tipo de literatura a un público más amplio (p. 12)”. De igual modo, expone que escribirá para observar “los fenómenos sociales al interior de un campo tan extenso como complejo” y con el fin de “decir que hoy se hace explícita la necesidad de realizar una importante inflexión estratégica en muchas de las prácticas predominantes en la investigación, vale decir, una necesidad de cambios en el habitus del conjunto de actividades dirigidas a dar inteligibilidad a lo social (p. 15).”

El estado de situación desde el cual parte el autor de Hacer mundo para traernos esta nueva obra que se suma a sus anteriores libros (Los caminos invisibles de la vida social, 2000; Imaginarios sociales. Apuntes para la discusión teórica y metodológica, 2003; Mundo real, mundo imaginario social. Teoría y práctica de sociología profunda, 2008), corresponde a lo que Baeza, resumido en el concepto de crisis (p. 114), denomina “la nueva etapa de planetarización de una forma

histórica dada de organización económica", o, de igual modo, "una heterogeneidad de modernidades imperfectas (...) o una ideología de la modernidad (p. 115)."

Estas situaciones contextuales son, para el autor, equivalentes a una "cruel heteronomía", a una "occidentalización del planeta" con su requisito cultural de un "capitalismo en expansión máxima" (p. 18; citado por el mismo autor, en Baeza 2004 y 2008b).

Ante este panorama, el investigador chileno es claro en su objetivo de trazar un nuevo marco teórico y contextual desde el campo de los imaginarios sociales con una visión humanística:

"...Ya es hora de que las ciencias sociales acometan la tarea de restituir a su objeto de estudio toda la humanidad necesaria y así limitar los estragos de la reducción de nuestra especie a meras cifras estadísticas y a porcentajes fríos de población, a comportamientos individuales y colectivos estandarizados, o bien a la condición de una fantasmagórica 'opinión pública' (p. 17)".

Crítica y creatividad

Alejándose de dogmas teóricos, entonces, tanto como de la trama de la disciplina unívoca, Baeza profundiza de este modo sus recorridos socio antropológicos, según una intención que demuestre capacidad crítica y creativa. Para este cometido cuestionará, en primer lugar, el criterio de objetividad en nombre del cual se ha fundado un orden "pretendidamente

racional". A partir de esta toma de posición, el autor afirma:

Pondremos a contribución los aportes de la fenomenología a la sociología y a las ciencias sociales, reivindicaremos la importancia capital de la capacidad creadora de los seres humanos, propondremos una vez más la teoría sociofenomenológica de los imaginarios sociales, pondremos en duda la idea de sentidos unilineales de la historia insinuando otras formas posibles de comprenderla, para finalmente, permitir observar cómo se desenvuelve esa misma teoría en el campo concreto de la vida social de nuestros tiempos. (p. 20 y 21).

Y es que, junto a la comprensión teórica, el libro Hacer mundo se sostiene a través del intento de comprender las experiencias sociales. Toda la tercera parte sirve de ejemplo del modo cómo la categoría imaginarios sociales contribuye a la comprensión de los procesos identitarios colectivos, empezando por Chile, siguiendo por América Latina, imbricando a la sociedad en general. La generosidad del autor se manifiesta allí, al incorporar exploraciones empíricas de imaginarios de inmigrantes, culturales y de catastrofismo, de miembros de un equipo de investigadores y profesionales de Chile encabezado por la doctora Andrea Aravena y el doctor Bernardo Castro, ambos de la Universidad de Concepción.

Conceptos clave

La elaboración teórica para pensar Hacer mundo parte de cómo ha propuesto la modernidad -y su racionalismo- el entendimiento de la construcción de la realidad y el conocimiento. Desde otra vereda, Manuel Antonio Baeza se interroga si hay una sociología fenomenológica posible. En este sentido, dedicará a Husserl y a "la fenomenología egológica husserliana" la mayor cantidad de páginas de su libro -54, exactamente- y, a riesgo de ser injustamente simplistas, consideramos que lo hace debido a que esta línea conceptual le permitirá conducirse hacia las capas subterráneas de una sociología profunda para los imaginarios sociales. Estos, admiten comprensiones diversas y el autor los desarrolla no sólo en este libro que reseñamos sino en sus anteriores obras:

Los imaginarios sociales otorgan, por ende, aquella gramática necesaria para la convivencia de los grupos sociales, a la vez que fomentan la intencionalidad subjetivamente atribuida a la acción social. En tanto que interpretaciones o representaciones, parecieran darnos un ángulo de ataque con respecto a los fenómenos u objetos a los cuales están referidos. Auténticos prismas o quizás caleidoscopios, los imaginarios sociales parecen predisponer hacia determinadas orientaciones y contenidos de la acción social (p. 138)

En este sentido, es ineludible pensar la acción social a través del prisma que el autor define como estructura simbólica de ajuste, donde añade lo simbólico a aquella "arquitectura de significaciones con plausibilidad socialmente admitida y vigente, capaz de dar estabilidad

simbólica al conjunto social en conformidad a una lógica de cohesión social básica" (p. 156). Baeza explica el nexo entre esa estructura de ajuste que, de manera simbólica, opera conformando significaciones sociales que hacen plausible y legitiman el pensar, el decir, el actuar y el juzgar.

El tercer apartado del libro -Haciendo mundo: imaginarios sociales en acción- con sus siete capítulos, elige el gerundio para acercarse a los procesos identitarios y así definir imaginarios colectivos. De este apartado, elegimos resaltar unos párrafos, de manera arbitraria porque no es una selección en modo alguna jerárquica, que integran el capítulo diez -Del espacio al territorio. Imaginarios sociales identitarios-, y el capítulo quince -América Latina: un imaginario social identitario ausente-:

La identidad, tal como la hemos sugerido antes (Baeza, 2000), corresponde a una serie de posicionamientos de base: espacial, temporal y relacional. En el espacio procedemos imaginario-socialmente a una apropiación de una porción de aquel, sea este físico o meramente simbólico; en el tiempo identificamos también cronologías, historias, hechos unidos significativamente; en el plano de las relaciones sociales, por último, señalamos la presencia del otro desde la diferencia (p. 189).

América Latina -y usaremos esta denominación para nuestro continente, por tratarse de la más masificada- no es cultura vivida en este país, no ha sido poblada del simbolismo propio de la casa, razón por la cual no se la considera como morada o domicilio; el amplio espacio geográfico continental no ha sido

territorializado por nosotros en términos de una identidad social, del mismo modo que lo hiciera ese gran latinoamericanista que fue Simón Bolívar y su sueño independentista de una 'patria grande' (p. 260).

Epílogo

Hablábamos de llaves para pensar modos de conocer la trama de las reflexiones de Manuel Antonio Baeza. Hacer mundo contiene un índice bibliográfico que habla por sí mismo. Por un momento, se nos hace visible la situación ficticia de sentarnos junto al autor para compartir lecturas y reflexiones. Allí, como en una vieja cinta cinematográfica, transitan los nombres necesarios para la comprensión de los estudios de la realidad social: Castoriadis, Durand, Husserl, Ricoeur, Bachelard, Jung, Sartre, Morin, Merleau-Ponty, Durkheim, Weber, Giddens, Schütz, Bourdieu, Geertz, Bauman, Foucault, Varela, Quijano, De Sousa Santos, Pintos y tantos más, sin orden alfabético. El texto que va imprimiendo en palabras e imágenes el recorrido es diverso, pero intenta exponer significaciones en un "continuum" que ancla, mediante el caleidoscopio de los imaginarios -y su lenguaje necesario, es decir el simbolismo, una sociedad real e imaginaria.

En el Epílogo, el autor escoge a Durand, Bachelard, Castoriadis y De Sousa Santos para fundamentar su mirada esperanzadora. Se permite decir qué hacer -los intelectuales, la sociedad, las ciencias- para, con urgencia, de manera transdisciplinar, "volver a hacer mundo, con la humanidad entera en calidad de orfebres y artesanos de un planeta más amable" (p. 295).

En su libro, Baeza logra el cometido de arengarnos -sin duda imbuido de su quehacer docente e investigativo- a pensar que desde una "imaginación creativa" será posible el ser y el conocer, en definitiva, el hacer mundo, un mundo real y un mundo imaginario social.

*Docente e investigadora, Universidad Nacional de La Pampa. Argentina



IMAGINACIÓN O BARBARIE

II Workshop Internacional Investigación en Imaginarios y Representaciones

ENTREVISTA

Pág.

- ✓ Entrevista a Óscar Basulto Gallegos quien junto a Manuel Antonio y a Felipe Aliaga, sostuvo la dirección del II Workshop Internacional 92-95

Javier Diz Casal

Entrevista a Óscar Basulto Gallegos

Javier Diz Casal

Entrevistador: ¿Qué destacarías de este segundo Workshop Internacional: Investigación en Imaginarios y Representaciones?

Óscar Basulto: Es destacable apreciar cómo se va consolidando una gran comunidad científica y un gran grupo humano. Es interesante darse cuenta cómo podemos aprender mucho de las relaciones interdisciplinarias que se dan en la red y por cierto conocer mucha gente, generando vínculos profesionales y de amistad.

E: Desde un plano comparativo ¿te gustaría decir algo sobre el I Workshop celebrado en Bogotá?

OB: El primer workshop fue una gran experiencia en todos los ámbitos que ya vengo planteando. Ese evento dejó un estándar de calidad muy alto en términos de organización y de calidad científica, lo que ya sentó un precedente de lo que es la identidad de la red y la gran proyección que posee y que sigue creciendo.

E: ¿Cómo ha sido el nivel de participación?

OB: Lo que he podido apreciar tanto en el primer como segundo evento es un gran nivel de participación. Evidentemente no estamos hablando de lo que podría ser un congreso internacional masivo como el ALAS (Asociación Latinoamericana de Sociología) por ejemplo, pero tampoco parece ser eso el espíritu de la red. Esto queda demostrado en la relación

cercana que se produce en los grupos de trabajo y en la relevancia que se otorga a los espacios de debate y con miras a generar publicaciones, proyectos y otro tipo de intercambios académicos, lo cual me parece que es la gran virtud de la red. Esto es muy relevante porque en un congreso internacional de gran envergadura no es posible realizar este tipo de intercambios. Y al mismo tiempo señalar la calidad que está demostrando permanentemente la red en términos de trabajo científico y de materialización de proyectos, por ejemplo. Todo esto va de la mano con la alta calidad de las ponencias que hemos visto tanto en el primer como segundo workshop.

E: ¿Con qué ayuda humana y económica habéis contado?

OB: Para organizar el segundo workshop se contó con la participación de académicos, administrativos, personal auxiliar y estudiantes de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Concepción, en su mayoría de la carrera de Sociología. Se formó el denominado *equipo chico* con un encargado por área, de las diversas tareas de gestión que debían intervenir en la organización (entre 6 y 10 personas), y un *equipo grande* de alrededor de 50 personas incluidas los estudiantes.

En términos económicos se contó con fondos de la Universidad de Concepción y un aporte de la Municipalidad de Concepción que se hizo presente en el evento, en el marco de aniversario de 200 años de la ciudad de Concepción.

E: ¿Como director ejecutivo qué elementos han revestido mayor dificultad?

OB: Creo que hay que señalar que para la organización de este evento se apeló a aunar voluntades, lo cual está muy bien pero puede acarrear ciertas dificultades. El trabajo realizado fue completamente Ad honorem, por lo tanto hay que ser muy cauto a la hora de solicitar el cumplimiento de plazos, objetivos y tareas específicas, lo cual complejiza mucho mantener unido al equipo humano. En este sentido, aplicar un liderazgo inteligente emocionalmente es fundamental, pero es muy complicado, sobre todo porque la organización de un evento de esta naturaleza requiere más de un año de trabajo, entonces, se debe sostener un equipo humano unido en el tiempo e ir monitoreando y trabajando en conjunto en las distintas etapas que implican la organización.

Otra manera que en la actualidad se está utilizando para organizar este tipo de eventos, es la contratación de una empresa externa especializada. Sin embargo, esto podría atentar contra la identidad organizacional que posee y sigue construyendo la red, ya que se despersonaliza mucho el evento y al mismo tiempo este tipo de gestión requiere de un alto costo económico.

E: Un evento como este implica muchas horas de trabajo, ¿cuánto tiempo lleváis trabajando en él?

OB: La organización del evento se desarrolló durante un año y medio con reuniones periódicas semanales y asignación de tareas según estado de avance de las distintas etapas. Van surgiendo muchas cosas en el camino, tanto es así -por ejemplo-, que mi rol como coordinador ejecutivo se inició como postdoctorando en el Departamento de Sociología de la

Universidad de Concepción y terminó como académico del Departamento de Ciencias de la Comunicación de la Universidad Católica de Concepción. Entonces, la organización de un evento de esta naturaleza implica que sea entendido como un proceso sostenido en el tiempo, como una carrera de largo aliento y bajo ningún punto de vista puede ser comprendido como una actividad aislada. Más bien todo lo contrario, es un proceso compuesto por muchas actividades sucesivas y concatenadas en el tiempo que llevan al logro del objetivo mayor: concretar el evento.

E: Para finalizar, ya está proyectado el III Workshop Internacional: Investigación en Imaginarios y Representaciones, ¿Dónde se realizará y quién sostendrá la organización?

OB: El III Workshop según ya fue oficializado desde la red se realizará en la Universidad Autónoma Metropolitana de México y el proceso de organización del evento será encabezado por la profesora de dicha casa de estudios, la Dra. Lidia Girola. Entendiendo la ardua labor y las dificultades que suscita la organización del evento, desde ya mucho ánimo y la mejor de las suertes. En cualquier caso la gratificación que produce materializar y cerrar de buena forma un evento académico de estas características, merece con creces el esfuerzo realizado.



IMAGINACIÓN O BARBARIE

Un rincón ecológico y subjetivado

	Pág.
✓ Presentación	97
✓ 2° Workshop Internacional Investigación Imaginarios y Representaciones: un relato empírico Javier Diz Casal	98-109

Un rincón egológico y subjetivado

Este rincón subjetivado pretende poner en valor la importancia de lo que se da en el ego, que podría decirse: todo. Hemos querido acotar, en este caso, para liberar, proponer para permitir y brindar otro espacio dentro de este espacio paralelo. Acá cabe lo narrativo como medio de expresión subjetivada de lo *egológico* por lo que nos interesamos sobremanera por vuestras formas de ver el mundo, describiéndolo y definiéndolo.

Según Benoist¹ la *egología* se refiere, necesariamente, a un cogito, al menos posible, es decir, a un retorno hacia sí de la *cogitatio*, aprehendida en su actualidad, en la presencia esencial que la permite como ego. La posibilidad del cogito en tanto que eso es esencial a la *cogitatio* (como vivencia), indica la posibilidad de una presencia (como también de una apropiación) real, y no un simple principio formal. Dicho de otro modo la inmanencia como inclusión real.

Con esta nueva sección queremos propiciar un espacio en el que la *egoidad* del *dasein* pueda expresarse, no en términos de un solipsismo existencial sino en términos de una hermenéutica desde el Otro, expresarse para la interpretación que el otro puede hacer hacia lo propio.

Notas.

1. Benoist, J. (1995). *Egología y donación: primera aproximación a la cuestión de la presencia.*





2º Workshop Internacional Investigación Imaginarios y Representaciones: un relato empírico

Javier Diz Casal

Habíamos comprado el billete de avión hacía ya muchos, muchos meses. Era octubre y la fecha del viaje se acercaba. Mi nivel de excitación crecía exponencialmente con el paso de los días. Jamás había cruzado el charco, que dicho sea de paso, era un charco enorme y esa sensación se amplificaba al cruzar diagonalmente el Atlántico en vez de horizontalmente. Sea como fuere no estaba preocupado en absoluto pues viajaba con un amigo que también asistiría a este 2º Workshop, él ya había realizado un viaje similar cuando voló hasta Colombia para participar en la celebración del 1^{er} WorkShop. Muy amablemente se había preocupado de buscar los vuelos más asequibles así como el hospedaje. El viaje en sí se presumía contundente. De Madrid a Santiago de Chile había un par de horas más de viaje que hasta Bogotá.

En Galicia ya no se hacían eventos de este tipo enfocados al estudio de lo imaginario, los imaginarios sociales y las representaciones, en España se creaban algunos espacios paralelos muy interesantes, pero, de manera generalizada, la sociedad tenía la mente académica en el mundo de los drones, las patentes universitarias y, como mucho, las TIC encabezadas por la informática. Los

imaginarios sociales no tenían mucho espacio, ni este era un espacio de gran visibilidad. Esto lo tenía muy presente y fue este uno de los motivos por los que el contexto latinoamericano me fascinó, sencillamente me cautivó.

El día llegó, pero mi compañero se había empezado a encontrar indispuesto un par de jornadas antes. La persona a la que acompañaría, con quien finalmente no pude tener el gusto de compartir esta aventura, se quedó muy triste, no lo digo solamente porque es lo que sus palabras me transmitieron antes y después, sino también por su voz, por su mirada al contarle a la vuelta las anécdotas y avances que entre todas logramos y proyectamos para mañana. De la misma manera al transmitirle todos los abrazos y deseos de coincidir que tantas personas me disteis para él.

Ciertamente, dado que mi querido compañero lo había gestionado todo, me había despreocupado y aprovechado el tiempo para terminar algunos quehaceres a los que me había comprometido. El día antes me lo comentó, que podría ser que no fuese, estaba muy cogido de pecho, se le notaba la voz y un cansancio propio de las convalecencias. En ese momento me puse un poco nervioso, el esquema de viaje estaba a punto de entrar en decadencia. Finalmente, luchó hasta prácticamente el momento del viaje, tres horas antes me confirmó que no venía. Era lógico, lo pensaba y lo tendría claro una vez hubiese llegado a Concepción. Creo que nadie, como se suele decir: en su sano juicio, acometería un viaje como ese en un estado de convalecencia si no fuese estrictamente necesario, algo vital.

Pues ya lo tenía claro: viajaría solo, yo solo, pero no solamente (aprovecho con este juego de palabras para expresar mi disconformidad con la decisión de la RAE de eliminar estos acentos), porque en el transcurso leí, estaba con *Colmillo Blanco*, hablé con diferentes personas, paseé e incluso contribuí a mitigar el agobio aeroportuario de una mujer que lloraba desconsolada porque no comprendía el panel informativo de los vuelos del aeropuerto y, por ese motivo, era incapaz de situarse y sentirse segura, al final terminamos riéndonos y nos dimos un abrazo.

El viaje era largo, lo fue, pero lo volvería a hacer disfrutando igualmente de cada hora. Paula me llevó al aeropuerto de Santiago de Compostela, en Galicia. Saldría de allí sobre las cinco de la tarde hacia Madrid. Al llegar a Madrid esperaría hasta bien entrada la noche y embarcaría hacia Santiago de Chile. Madrid-Santiago de Chile era un trayecto de unas 13 horas, cuando cogí el avión para hacer este recorrido ya llevaba unas 5 o 6 horas de viaje. El viaje superó las 24 horas.

Dos días antes nos habían avisado de que el vuelo de Santiago de Chile a Concepción se vería sometido a un retraso, ¡Y qué retraso! Llegué a Santiago de Chile a las 8 de la mañana y no embarqué hacia Concepción hasta la una y media del mediodía. Al llegar a Concepción salí del aeropuerto con la intención de coger un micro que me llevase hacia el centro. Había buscado información sobre transporte público y, en todos los sitios veía que al parecer no había. Sin embargo cogí un micro a cien metros del aeropuerto, en la primera rotonda, a la vuelta haría lo mismo y conocería a

Eusebio, un penquista muy majo que llevaba toda la vida en ese oficio de conductor: había dos cosas de las que Eusebio nunca hablaba, una de ellas era la política, ello implicaba claro, no hablar de pensiones, ni del sistema educativo ni de la corriente socioeconómica que estaba impulsando Piñera.

La llegada fue hermosa, un contexto casi plenamente desconocido. Dejé en el hotel el escaso utillaje con el que había viajado y me dispuse a callejear como cuando se *medinea* por una medina nueva y desconocida. Sabía que Sindy y Luis estaban alojados muy cerca de mí. De hecho, solamente tenía que recorrer Colo Colo, torcer en la calle San Martín y recorrer unos metros por la calle Castellón hasta llegar a su hospedaje, era cuestión de unos minutos. Sea como fuere no habían llegado todavía. Me dediqué a pasear y disfrutar de esos pequeños “diferentes” más respecto a lo material que del Otro, que *idiosincrasian* a las sociedades y a los contextos urbanos. Paseando llegué hasta el parque Ecuador, un auténtico pulmón para una ciudad a la que le gustan los coches enormes.

No se trata aquí de privilegiar nombres sino de indicar sencillamente que con Sindy y Luis he compartido mucho en términos cualitativos y cuantitativos. A Luis casi no lo conocía, a punto había estado de hacerme una visita a Galicia, pero finalmente no había podido. Luis era una persona muy cálida y sosegada, transmitía tranquilidad e invitaba a estar con él, charlando o paseando, con Luis me encontraba más que a gusto. Sindy era mi compañera del Boletín, **Imaginación** o **barbarie**, estaba imbuido por su esencia. A Sindy ya la conocía a pesar de no habernos visto

en persona nunca. No necesito decir mucho más sobre ella, simplemente que la quiero.

Llovía, Manuel Antonio, en su conocimiento *nefelomante* nos fue aproximando el tiempo meteorológico y sus augurios de Sol para los últimos días serían certeros. Los primeros reflejaban una primavera atípica según nuestros queridos anfitriones penquistas nos explicaban.

Finalmente cené con Sindy y Luís, algo frugal, un poco de arroz tres delicias y una cerveza o quizá dos. Nos retiramos y nada más llegar al hospedaje, tanteé la cama, primero durante unos segundos y, tras un cortejo intrapsíquico entre el ello y el superyó, hasta el día siguiente vestido tal cual, el ello había sublimado al superyó, imagino que el contexto novedoso y desconocido brindaba, en ciertos aspectos, la prevalencia del ello sobre el superyó y, en una justa medida, era una sensación hermosa.

El día siguiente fue un colofón de re-conocimiento. Llevaba más de un año trabajando con muchas de las personas de la RIIR por motivos de gestión del Boletín **Imaginación o barbarie**, pero no conocía en persona a casi nadie, de la gente que conocí esa semana, realmente a nadie había conocido con anterioridad en el cara a cara. No así en un sentido relacional. Con ciertas personas me amparaba una sensación reminiscente, ya las conocía. Mi querido Felipe: alguien que me había ayudado de una manera casi inefable, recogíendome de entre un cierto odio creciente y una desesperanza grande prácticamente sin conocerme, me tocaba el hombro durante una de las presentaciones. Era la primera vez que nos veíamos en

persona, a punto estuve de decirle: -Felipe ¡Cuánto tiempo!- Pues ya lo conocía. De la misma manera me sonaban algunas de las medidas de algunas personas y disfruté mucho del intercambio de ideas, de las presentaciones de otras personas y de las nuevas compañeras que de la experiencia me llevaría. Tere, Felipe y yo compartimos el desarrollo del G. T. de migraciones, Antonia Olmos había contribuido también. Tere era una persona hermosa, poseía, según percibí, una vitalidad que ayudaba a sentirse bien estando con ella. También Paula Vera que a la postre alabaría la capacidad del grupo, de esta comunidad nuestra, para *superar las lógicas más competitivas* a las que a veces se nos trata de someter. Yutzil me transmitió una continuación de lo ya transmitido con anterioridad, una persona serena y muy educada, exquisita en ese sentido y digo muy accesible.

Se nos recibió con varias y hermosas cuecas. De veras me resultó algo sublime, el folclore es una representación innegable de la cultura popular, ponerla en valor enorgulleciéndose de ello y tomándolo como lo que se quiere mostrar es algo sano al contrario que utilizar el término folclórico como algo negativo, de poco peso e interés, en el fondo, algo alocado, como antaño se ha tratado de hacer con lo imaginario:

Y una sola vida tengo y una sola vida tengo

y una sola vida tengo ni por ti la he perder

ni por ti la he de perder.

Ay mi palomita, cómo le gusta su palomar.

*Tempranito me levanto, tempranito me levanto
tempranito me levanto y me voy a la orilla del mar
y me voy a la orilla del mar
a preguntarle a las olas, a preguntarle a las olas
a preguntarle a las olas si han visto a mi amor pasar,
si han visto a mi amor pasar.
ay mi palomita, cómo le gusta su palomar.*

Lo cierto es que un evento así se torna transversal y los temas se mezclan y las personas se interesan por diversas líneas. En mi caso, transité cuanto pude por el G. T. de Teoría y metodología. Aunque entiendo que es una línea en la cual, sobre todo, ciertos planteamientos cuajan y es un aval el conocimiento excelsamente religado de personas doctas, también a mí me gustaba e interesaba, creía que algún aporte podía acercar. Había coordinado el especial del Boletín **Imaginación o barbarie** sobre Teoría y metodología y me había esforzado mucho por comprender las diferentes posiciones que amparaban el estudio de lo imaginario, los imaginarios sociales y las representaciones en la corriente iberoamericana, pero también en la francesa. Había podido articular una entrevista sobre esta temática con Lidia, Manuel Antonio, José Ángel, Enrique, Michel y Felipe como entrevistados y últimamente estaba tratando de poner en valor, para la investigación de lo imaginario, los imaginarios sociales y las representaciones todo lo que al contexto iberoamericano atañía. Ello, necesariamente implicaba trascender lo sistémico constructivista y lo

hermenéutico fenomenológico como únicas corrientes representantes de este acervo investigativo. Así pues lo estructuralista figurativo quedó recogido en el Workshop por medio de los trabajos de Danielle que, aunque parten de la tradición francesa, ella es iberoamericana.

Lidia Girola es una *crack* de las representaciones amén de una persona con un desbordante humor ciertamente mordaz, pero sin el carácter malintencionado del término sin duda alguna. Tampoco la conocía aunque gustosamente había aceptado participar en el especial del boletín que antes mencioné. Alguien solícito que había contribuido a mi esfuerzo por ampliar mi horizonte de comprensión respecto a los elementos que subyacen a los planteamientos que nos hacemos y en los que más o menos estamos de acuerdo. Lidia estuvo muy pachucha los primeros días, era un cuerpo debilitado por el viaje y la convalecencia, no sé si su búsqueda de antibióticos fue, finalmente, productiva, el caso es que terminó la semana entera. Me ha gustado conocerla.

Óscar y Lupe han sido unos anfitriones lindos, conocí a sus amigas y ciertamente, encontrarte con una paisana en las antípodas es reconfortante, curioso el efecto del terruño. Óscar me recordaba a un par de personas que había conocido en el mundo de la academia. Era una persona *desenvilecida*, parecía tener ausencia de malicia y un posicionamiento muy sano. Esto, bajo mi experiencia, era algo casi increíble, personas de este estilo eran para atesorar. No obstante finalmente comprendí que era más mi contexto que otra cosa. Acostumbrado a un mundo de significaciones sociales imaginarias de lucha y competición en la academia, de malicia

viva y bien vista en la universidad, de crítica feroz y ciertamente algo malvada, de traición e incluso totalitarismo sistémico.

Dieguito y Alejandro habían escrito también en el Boletín. Hablamos bastante, sobre todo con Diego con el que pude disfrutar de las horas. Camila, con la que he quedado en deuda, amablemente me invitó a recorrer la costa con su pareja, era el último día, finalmente no iría. Cata realizó un discurso muy bonito, había trabajado duro a lo largo de todo el año, al igual que Camila y el grupo del estudiantado voluntario que dio cobertura al evento eran, sobre todas las cosas, personas autónomas y con una muy buena voluntad. Cata nos invitó a escuchar el himno nacional así como también el himno de la institución universitaria que tan amablemente nos acogía.

Como soy de Galicia comprendo el portugués con mucha soltura. El gallego y el portugués son lenguas con un origen común posterior al origen latino. Mucha gente lo desconoce, pero por la fuerza de la imposición, las dictaduras y la falta de educación, hoy día el gallego hablado por la mayoría se parece más al español: se ha castellanizado y, oficialmente esto se ha aceptado. Sea como fuere vivo a menos de 30 km de Portugal, nunca lo he estudiado, pero lo entiendo y lo puedo leer y, de una manera más limitada, puedo hablar de forma que una persona lusófona me entienda. Así pues aproveché para conocer a Danielle. Conocer a Danielle fue interesante en muchos aspectos. Primeramente Danielle irradiaba un pensamiento revolucionario, era una humanista convencida y, por lo tanto, una feminista que se oponía

abiertamente a la irrupción de la extrema derecha en Brasil: su país. Ello me brindó la posibilidad de sumergirme en su trabajo.

Josafat me iba gustando más cuanto más lo conocía, el colofón fue sin duda alguna el último día en plenas celebraciones saturnales ofrecidas, por cierto, al buen transcurrir del evento que ya había terminado. Desde luego, como en el pasado, en el presente seguimos ritualizando *cúlticamente* nuestras vidas, utilizando para ello sustancias que nos llevan a otros planos de consciencia, esa noche el mescal, así como el vino, vehiculó en parte la experiencia.

Max es un joven estudiante que compartió conmigo su visión de lo emprendedor. En España en la actualidad esto está suponiendo el impacto camuflado del neoliberalismo económico y social. Pero Max lo planteaba con base en unos movimientos sociales que podrían consolidarse y revertir de manera comunitaria hacia unas implicaciones positivas. Cada vez tenía más claro que todo era tremendamente atinente al imaginario social, como sustrato factual desde el cual se entienden las cosas como realidad y se hacen posibles. El congreso tuvo un coste cero para las personas asistentes.

Luisa y yo compartimos unos ratitos interesantes de plática y aun nos hicimos unas risas, una persona suave que, al igual que yo, se encuentra en una situación en la que es presa de una fuerza externa que le impide, al margen de su excelso currículum, acceder a un trabajo relacionado con sus inquietudes.

Las jornadas transcurrieron de una forma meteórica, cuando quisimos darnos cuenta estábamos asistiendo ya a la conferencia magistral de Armando. Desde mi punto de vista todo era aprovechable, lo bueno de estos contextos, el contexto de una red, no es solamente que conecte unos nudos con otros como menciona Maffesoli, sino que en el transcurso del movimiento de la red muchas cosas aprovechables son atrapadas, expuestas o visibilizadas, si uno está atento puede utilizar alguno de estos elementos "en la red" para proyectar algún planteamiento de investigación, una idea al respecto de lo expuesto o simplemente un puente hacia otras líneas.

A Dittus lo vi en el hotel en el que estaba. Lo vi una mañana y dudé si era él. Unas horas más tarde mantuvimos una curiosa conversación en la entrada del café de la facultad y, a la postre, la mañana de mi último día en Concepción disfrutaríamos ambos de un par de buenos cafés y una mejor charla, habíamos hablado no mucho, pero me sentía en sintonía con él.

Francamente, no imagino no haber asistido, no soy capaz pues me aterra pensar que, de esa manera no hubiese conocido a Andrea de Argentina, con la que ahora tanto hablo y tantas cosas comparto. Tampoco habría conocido a Miguel ni a Yoshi. También Andrea Aravena quien compartió conmigo sus andanzas por Isla de Pascua. Así mismo Carol que ha sido para mí un gran descubrimiento por ser una persona esencialmente buena, ávida de trabajar y colaborar muy desinteresadamente.

Como es habitual en estos casos, me faltan partes del relato propio y, como descripción del evento, es, solamente, una descripción sesgada por mi consciencia, es el reflejo del impacto en ella del evento. Se quedan personas como Andancht o Lily a las que conocí poco y otras muchas más que seguramente omito por falta de un recuerdo claro de todo el viaje, otras por no recordar su nombre, también algunas que no han querido trascender hacia una relación cálida o no han podido por diversos motivos.

Para terminar rescato lo que dice Tere: **"estoy en una Red que me hace sentir vivo."**

Eencialmente esto ha sido para mí el 2º Workshop.





Nuestros colaboradores en esta edición

Consulta el perfil académico de nuestros colaboradores en <https://imaginariosyrepresentaciones.com/miembros/>

- ✓ **Danielle Perin Rocha Pitta**, Pós-graduação em Antropologia
- ✓ **Armando Silva**, Post Doctorado en Teoría Crítica y Doctorado de Filosofía en Literatura Comparada
- ✓ **Teresa Pérez Cosgaya**, Doctora (c) en Estudios Americanos
- ✓ **Rubén Dittus**, Doctor en Ciencias de la Comunicación
- ✓ **Catalina Mendoza Riquelme**, Magíster en Investigación Social y Desarrollo
- ✓ **Andrea Aravena Reyes**, Doctora en Antropología Social y Etnología
- ✓ **Paula Vera**, Doctora en Ciencias Sociales y Humanas
- ✓ **Luis Guillermo Torres**, Doctorando en Educación
- ✓ **Elizabeth Ballén Guachetá**, Doctora en Sociología
- ✓ **Carol Fernanda Ramírez**, Doctoranda en Educación y Sociedad
- ✓ **Borxa Colmenero Ferreiro**, Doutor en Dereito

- ✓ **Luis Enrique Pérez Méndez**, Magíster en Ciencias Políticas
- ✓ **Andrea Marina D'Atri**, Doctoranda en Ciencias Sociales
- ✓ **Javier Diz Casal**, Doutor en Antropoloxía social



Información editorial

Imaginación o Barbarie es el boletín de opinión de la Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones (RIIR), con el aval de la Facultad de Sociología de la Universidad Santo Tomás-Colombia.

Equipo editorial:

Javier Diz Casal

Felipe Andrés Aliaga Sáez

Ángel Enrique Carretero Pasín

Sindy Paola Díaz Better

Francisco Javier Gallego Dueñas

Ale Osorio Rauld

Carol Ramírez Camargo

Editado en:

Bogotá D.C. Colombia

Universidad Santo Tomás

Facultad de Sociología

Carrera 7 No. 51 A -11

5878797 Ext. 1541

ISSN 2539-0589

Licencia CreativeCommons

Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada

CC BY-NC-N



II Workshop Internacional Investigación en Imaginarios y Representaciones

17, 18 y 19 de octubre de 2018, Universidad de Concepción (Chile)



Imágenes tomadas de Nota de Prensa RIIR
<https://imaginariosyrepresentaciones.com/2018/10/24/se-realizo-con-exito-el-ii-workshop/>